

## **7. O Grupo Focal: da coconstrução de narrativas à reflexão, aconselhamento e agência**

A análise, neste capítulo, é feita, em especial, a partir da criação do Grupo Focal e com foco em seu funcionamento nas atividades entre a mediadora e as mães, as mães entre si, no processo interacional de coconstrução de narrativas e de outras participações, considerando os objetivos principais:

1. coconstruir, a partir de narrativas, experiências vivenciadas entre os responsáveis e seus filhos, no cotidiano da família, que se tornem relevantes na fala-em-interação;
2. orientar, gerar reflexividade, conscientização e empoderamento, através da mediação, de modo que os familiares possam se constituir como participantes ativos no desenvolvimento linguístico e discursivo das crianças.

A coconstrução em grupo visa, através das narrativas, o entendimento dos modos comunicativos existentes entre familiares ouvintes e crianças surdas, para conhecermos melhor os sistemas de comunicação existentes entre os familiares e seus filhos, a partir da perspectiva dos familiares. Buscamos, ainda, gerar entendimentos partilhados sobre a surdez e a comunicação com crianças surdas e orientar sobre práticas comunicativas consideradas adequadas para impulsionar o desenvolvimento linguístico e discursivo de crianças surdas.

Entendemos que, ao narrar e ouvir as histórias uns dos outros no grupo, expressando e contrastando experiências e entendimentos (Bruner, 1990), os familiares poderão agir e refletir sobre seu papel na interação com as crianças. Do mesmo modo, no momento da interação no grupo, enquanto mediadora, poderei também gerar inteligibilidades em relação à educação de filhos para o campo da surdez.

### **7.1 A auto-apresentação da pesquisadora e a criação do Grupo Focal**

Início a análise dos dados no enquadre de minha auto-apresentação, no início das atividades do Grupo Focal, no primeiro encontro.

## (a) Auto-apresentação

1.	Carolina	vocês- você já me conhece bem né? ((se dirigindo à Aline))
2.	Adriana	é hh
3.	Carolina	hh vocês não me conhecem tanto, né. eu fui aluna daqui, fui aluna de fono daqui
4.		e:: aí agora passei no concurso pra professora e vou começar a ↑ficar junto com a
5.		Marcia <u>ela</u> é a responsável pelo ambulatório [de surdez, mas eu também vou ficar
6.		responsável ↑ <u>pela Libras</u> né pela língua de sinais. e: eu queria começar um grupo
7.		com vocês porque assim a gente sente necessidade de saber como é que estão as
8.		crianças em [ca:sa é importante ter essa troca as terapeutas- não sei se costumam
9.		conversar com vocês?=-
10.	Andréa	=*sim*= [*sim*

Nesse primeiro encontro do grupo, em meu enquadre de auto-apresentação, aciono identidades e papéis profissionais, bem como estabeleço o enquadre de criação do grupo. Inicialmente, eu me apresento como *insider*, uma participante conhecida de algumas mães “vocês- você já me conhece bem né?” (1.1). Desse modo, marco minha familiaridade com as participantes mais antigas, com o ambiente e com a surdez. Minha fala é imediatamente ratificada por uma das mães, Aline, que seleciono como interlocutora ratificada “é hh” (1.2), e que se manifesta indicando o reconhecimento de meu pertencimento a esse ambiente.

Vemos que eu me apresento construindo minha identidade como alguém que pertence ao Ambulatório como ex-aluna “eu fui aluna daqui” (1.3), e apontando para minha reconfiguração identitária de ex-aluna a profissional através de um rito de passagem, o concurso, trazendo um novo papel social “e:: aí agora passei no concurso pra professora” (1.4), com novas responsabilidades “mas eu também vou ficar responsável ↑pela Libras né pela língua de sinais” (1.5, 6), trabalhando em parceria, com corresponsabilidade pelo Ambulatório, pelos indivíduos surdos e pela Libras.

Faço uma nova mudança interacional, estabelecendo o enquadre de criação do grupo “e: eu queria começar um grupo com vocês” (1.6, 7), assumindo uma voz coletiva para justificar essa criação “porque assim a gente sente necessidade” (1.7), e indicando o propósito do grupo “de saber como é que estão as crianças em [ca:sa é importante ter essa troca” (1.7, 8).

A criação do grupo é feita no enquadre de busca por melhor conhecimento para a supervisão (“a gente”) e de orientação das famílias (“vocês”), a partir de suas próprias experiências.

(b) “é um tema ↑importante na surdez assim a- o contato da família né”

11.	Carolina	=sobre com o estão as coisas [em ca:sa mas elas são alunas né e a gente sempre
12.		conversa na supervisão também e tem certas coisas que a gente quer ↑conhecer
13.		melhor, quer saber melhor pra poder também orientar você:s de algumas coisas
14.		que- que sejam necessárias. meu nome é carolina pra quem não sabe. ( ) e aí eu
15.		també:m vou aproveitar e usar... pra minha pesquisa, vou pesquisar isso, vou usar
16.		isso como: um:- é um tema ↑importante na surdez assim a- o contato da família né
17.		como é que a família se- como é que a família interage com a criança su:rda
18.		((olha para baixo)), pra gente poder- tá melhorando... a: nossa qualidade do nosso
19.		atendimento aqui né?

O ponto de partida são as experiências das mães “sobre com o estão as coisas [em ca:sa”, que são apontadas como foco de interesse dos profissionais “tem certas coisas que a gente quer ↑conhecer melhor” (ls. 11 a 14) para possibilitar uma melhor orientação das famílias, partindo de suas necessidades “pra poder também orientar você:s de algumas coisas que- que sejam necessárias”.

Faço uma mudança de alinhamento (ls. 14 e 15) e estabeleço novo enquadre de criação do grupo, o da pesquisa, justificado com benefícios para a surdez e as famílias (ls. 16 a 18). Faço uma pausa antes de apresentar o objetivo da pesquisa “( ) e aí eu també:m vou aproveitar e usar... pra minha pesquisa” com uma hesitação ao introduzir a pesquisa acadêmica como um dos objetivos do grupo. Posteriormente, uma parada súbita é realizada “vou pesquisar isso, vou usar isso como: um:-”, indicando uma reformulação em minha fala. Finalmente, a família é focalizada como central no cuidado com o surdo “é um tema ↑importante na surdez assim a- o contato da família né” (l.16,17).

Em outro momento da interação, ainda no primeiro encontro, torno relevante minha identidade profissional como fonoaudióloga.

(c) “a comunicação com a criança surda não é tão fácil né?”

390.	Carolina	eu sou fono não sou psicóloga então a gente vai trabalhar assim mais com a
391.		comunicação mesmo. como que tá a comunicação? pra vocês trocarem
392.		experiê::ncias né? ela que é ((aponta para Glória)) *antiga* né? tem experiência
393.		pra pra pra dar pra mim hh e pra todo mu:ndo pra gente poder- trocar ↑como que
394.		é? a comunicação com a criança surda não é tão fácil né? então quais são os
395.		momentos que tem dificulda::de quais são os momentos que- como você resolveu
396.		esses proble::mas né? pra gente poder ↑trocar conversar sobre isso

Início o turno me construindo como fonoaudióloga, diferenciando-me de uma psicóloga (ls. 390, 391) e enquadrando o trabalho do grupo (a gente, vocês) na

comunicação, elencando esse tópico como central para o grupo.

É interessante notar que falo em troca de experiências “pra vocês trocarem experiê::ncias... pra gente poder- trocar” (l.391 a 393), embora a experiência seja, conforme Bondía (2002:27) “um saber finito, ligado a existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular”. A ideia era evidenciar, para as mães, o objetivo de elaborar sentidos sobre as vivências de cada participante, ao partilhar essas vivências no grupo. Ao focar o acúmulo de experiências das mães “ela que é ((aponta para Glória)) \*antiga\* né? tem experiência pra pra pra dar pra mim hh e pra todo mu:ndo” (l.392, 393), valorizo o saber dessas participantes, destacando que elas podem ofertar suas vivências e compreensões subjetivas, gerando fonte de conhecimento umas para as outras e para mim, que enquanto profissional tenho conhecimentos diferenciados dos das mães.

Faço perguntas retóricas (l.391, 392), direciono o foco para o grupo de mães, utilizando “vocês”. Ainda, assumo conhecimento partilhado com a participante mais antiga (ls. 392, 393), e comento sobre partilhar vivências, no intuito de pensar sobre problemas e estratégias de comunicação e interação com crianças surdas (l. 394 a 396).

Ao mencionar a dificuldade de comunicação com a criança surda “a comunicação com a criança surda não é tão fácil né?” (l. 394), abro caminho para a corresponsabilidade “pra gente poder ↑trocar conversar sobre isso” (l.396), em uma postura ativa a ser assumida pelas participantes.

## **7.2 Narrativas de Ana, coconstrução da mediadora e de outras mães do Grupo**

Analisaremos, a seguir, segmentos com foco na interação entre a mediadora e Ana, mãe de André, que estava com nove anos na época da geração dos dados. André apresentava um desenvolvimento linguístico incipiente, necessitando de maior atenção da equipe e de maior estímulo em sua interação familiar. Mesmo tendo se matriculado em uma escola de surdos, no ano da geração dos dados, André não demonstrou desenvolvimento expressivo em nenhuma das línguas a que foi exposto até aquele momento. Com isso, a equipe decidiu que ele passaria a frequentar apenas os atendimentos pedagógicos em Libras, visando priorizar a primeira língua. No momento da interrupção dos atendimentos fonoaudiológicos,

Ana se mostrou abatida emocionalmente, chorou e afirmou que André estaria melhor em língua oral. Apesar disso, a equipe decidiu manter apenas a socialização no uso da Libras, inclusive por não perceber desenvolvimento em português como L2, e até mesmo para demonstrar para a mãe a necessidade do aprendizado profundo da Libras como L1.

Ana não tem outros filhos e demonstra ser muito cuidadosa e amorosa com seu filho. Frequentemente é possível observar os dois abraçados ao aguardarem o horário do atendimento e sorridentes um para o outro, demonstrando afeto. Ana é muito tímida, quase não fala com a equipe, a não ser quando procurada por nós. Em geral, quando fala, é com intensidade baixa de voz e em particular com algum profissional ou com alguma outra mãe do Ambulatório.

### 7.2.1 Narrativas de Ana: a rotina familiar para viabilizar a terapia no ambulatório

A primeira narrativa de Ana vem em resposta à minha solicitação como mediadora do grupo. O enquadre que passo a estabelecer é de que Ana fale sobre André e sobre ela própria, inicialmente através de uma pergunta aberta (1.1) e depois com um pedido explícito (1.3).

#### (a) Narrativa 1 - “às vezes fica com preguiça também”

1.	Carolina	e o André?
2.	Ana	o André tá bem°
3.	Carolina	fala aí um pouquinho dele, se apresenta aí
4.	Ana	>meu nome é Ana, mãe do André<. o André tá bem, tá indo
5.		bem na escola: assim às vezes fica com preguiça também, mas
6.		assim nada de:: é: impossível assim né da gente contornar.
7.		é porque às vezes ele quer ficar vendo televisão:o ...
8.		mas ... é : nada que: num dê né ele ele

No segmento acima, Ana se apresenta como a mãe de André e, em sua narrativa não canônica, conecta os eventos de forma sequencialmente organizada, fazendo referência a eventos vivenciados por ela e seu filho. A narrativa é genérica, como indica a utilização do advérbio de tempo “às vezes” (1.5), e justifica o fato do filho não querer parar de ver televisão para sair através da “preguiça”.

Paralelamente, através dessa narrativa, Ana se constrói como a mãe (1.4) que consegue reverter essa situação (1.6), utilizando a primeira pessoa do plural “a

gente” com sentido de primeira pessoa do singular. Entendo que, através da expressão “nada de impossível”, Ana avalia (Labov, 1972) a situação como difícil, ou seja, a avaliação é construída através da negação. Além disso, ela utiliza também uma explicação (l.7), que detalha mais a situação, e repete que não é uma situação impossível “nada que num dê” (l.8).

O ponto dessa narrativa parece ser a construção identitária de Ana como uma mãe dedicada e capaz de educar uma criança surda, ou seja, através dessa narrativa, Ana se apresenta como uma boa mãe.

Vemos que, em seguida, Ana, em uma mudança de alinhamento, encaixa outro tópico, sobre um acontecimento específico de conhecimento partilhado pelos participantes: o fato de André ter mudado do horário da tarde para o da manhã no Ambulatório. A narrativa de Ana, porém, é genérica remetendo a um hábito do passado.

(b) Narrativa 2 - “essa mudança de horário foi assim muito bom.”

9.	Ana	essa mudança de horário foi assim muito bom.
10.		porque ele estudava de manhã é: a gente pegava aqui de tarde
11.		então ia em casa ainda dava o almoço e ele vinha correndo pra cá
12.		e:: agora não como ele já: consegue dormir até mais tarde, mesmo
13.		que ele acorde assim sete e meia oito horas [assim mas assim dá
14.		pra ele ficar assistindo assim um pouquinho de televisão [né
15.	Carolina	[*sim*
16.		[*sim* descansa mais um pouquinho
17.	Ana	ái descansa mais um pouco toma café: aí vai se arruma ve:m (.) [já
18.		não fica tão cansativo
19.	Carolina	[começar
20.		o dia na correria é brabo ... de manhã cedo a gente já tendo que correr
21.		é muito ruim cara
22.	Glória	é *sim*
23.	Ana	ái foi muito bom

O conhecimento da mudança de horário é compartilhado por todos os presentes, como indica a utilização do pronome demonstrativo definido “essa” (l.9), porém os eventos específicos sobre a rotina de André que constituem a narrativa de Ana não eram de conhecimento dos participantes do grupo.

Ana avalia explicitamente a mudança de horário como positiva (l.9). Em seguida, continua avaliando ao explicar e comparar a situação de antes (l.10, 11) e depois desse acontecimento (l.12, 13, 14), detalhando as consequências da mudança e utilizando também uma negativa (l.12). Vemos que a ida à terapia é apresentada como uma tarefa de ambos “a gente pegava aqui de tarde” (l.10), focalizando a parcela de trabalho da mãe, no cotidiano da criança.

A mobilização de recursos da família fica evidente nessa fala, que avalia a rotina de terapia como custosa para a mãe, com o “ainda” e o “correndo” em “então ia em casa ainda dava o almoço e ele vinha correndo pra cá” (l.11).

Carolina, alinhando-se com Ana, emite sinais de atenção (l.15, 16), que incentivam o narrador a ampliar a narrativa e a fornecer mais detalhes contextuais (Clark e Mishler, 2001). Ao mesmo tempo, seu \*sim\* seguido de uma colaboração mostra concordância, alinhamento “\*sim\* descansa mais um pouquinho”, ratificando a fala de Ana e motivando maior elaboração por parte dessa narradora (l.16).

Em seguida, Ana concorda através de uma repetição variante (Norrick, 2000) “aí descansa mais um pouco”, elabora mais a cena “toma café: aí vai se arruma ve:m” e traz o ponto da sua narrativa “já não fica tão cansativo” (l.17, 18). A avaliação da rotina cansativa que ela e o filho enfrentam é feita através de uma negativa.

Tanto em (a) quanto em (b) há uma manifestação sobre as demandas familiares decorrentes da terapia da criança surda. Vemos que Ana opõe o antes e o depois da mudança de horário, evidenciando a dificuldade maior de antes, mas mantendo a avaliação inicial de que a rotina é cansativa.

Quadro III – Oposição antes e depois da mudança de horário

antes	mãe	filho
(a)	nada de é impossível assim né da gente contornar	às vezes fica com preguiça também
(a)	nada que num dê né	é porque às vezes ele quer ficar vendo televisão
(b)	a gente pegava aqui de tarde	
(b)	[eu] ainda dava o almoço	ele estudava de manhã
(b)		ele vinha correndo pra cá
agora	mãe	filho
(b)	-	ele já consegue dormir até mais tarde
(b)	-	ele ficar assistindo assim um pouquinho de televisão
(b)	-	[ele] descansa mais um pouco
(b)	já não fica tão cansativo	

A situação atual é construída como melhor do que a anterior, embora não seja apresentada como isenta de esforço. Agora ele descansa e assiste TV um pouco e não é mais “tão cansativo”. Ainda, o peso da rotina na vida da mãe é reduzido no agora da narrativa e o foco recai sobre o cansaço de André, pois apenas a conclusão de não estar “tão” cansativo pode se referir a ambos.

Mais uma vez, a mediadora (co)avalia a narrativa dessa mãe, se alinhando a

ela ao mostrar que também acha cansativa a rotina das crianças e das famílias para viabilizar a terapia “correria é brabo” (1.19-21). Ao (co)avaliar, Carolina ratifica a relevância dessa história narrada por Ana (Nóbrega, 2009:226).

### 7.2.2 Carolina: enquadre de reflexão com Ana

A seguir, vemos que Carolina passa a estabelecer um enquadre de reflexão, ao retomar a primeira narrativa de Ana. Ela direcionar a discussão para o seu objetivo central do grupo, focar a comunicação cotidiana entre as mães ouvintes e suas crianças surdas.

(c) Retomada da Narrativa 1 - “como é que você faz pra explicar pra ele?”

24.	Carolina	ahã
25.		mas aí como é que tá assim quando quando ele quer fazer alguma coisa?
26.		por exemplo quando ele quer ver televisão e tá na hora da escola aí você:: como é
27.		que você faz pra explicar pra ele? ele tá entendendo bem quando você explica?
28.		você explica[:

Percebendo que a mãe não está problematizando a dificuldade comunicativa existente entre ela e o filho, retoma o exemplo dado por Ana na sua primeira narrativa (1.7), em (a). A retomada da narrativa é realizada através de uma pergunta direta sobre a situação problemática (1.25). Em seguida, Carolina exemplifica de modo a delimitar melhor seu questionamento (1.26) e encadeia duas perguntas (1.26-27). Tais perguntas são mais objetivas, e enfocam a comunicação da mãe com o filho e a compreensão do menino, respectivamente. As várias perguntas visam negociar o tópico, marcando que a informação relevante, o tema focal do grupo, é a comunicação entre mãe e filho surdo (Clark e Mishler, 2001).

Vemos que, no enquadre de reflexão, além de perguntar sobre a ação da mãe, a mediadora também procura focalizar a compreensão da criança (1.27), para que Ana se coloque no lugar do filho, procurando interpretar suas reações. Carolina busca fazer com que a mãe reflita sobre o porquê da “preguiça” e se questione se há outra interpretação que explique o fato da criança protestar na hora de desligar a televisão para sair. O uso do “mas” enquanto marcador discursivo (1.25) sinaliza uma tentativa de direcionar a discussão para a comunicação entre mãe e filho, ou seja, indica um retorno ao tópico. O direcionamento da discussão aponta para uma tentativa de trazer a discussão para

a agenda da mediadora, que é abordar a interação comunicativa entre mãe ouvinte/filho surdo.

Ana interrompe Carolina ao tomar o turno (1.29), relatando o comportamento do filho nesses momentos. A disjunção, que leva à produção de uma narrativa mais canônica sobre um evento específico, indica uma relação simétrica instaurada no grupo.

(d) Narrativa 3 - “ hoje mesmo ... ele veio pisando pé forte né”

29.	Ana	[é:: ele fica chorando né fica:: hoje mesmo e: eu falei é: “tem marlene então se arruma
30.		que a gente vai pra marlene” ele disse “eu queria ver televisão” eu falei “mas não pode”
31.		... né deu pra ele ficar assistindo um pouquinho enquanto ele estava tomando café
32.		mas aí quando ele veio ele veio <u>pisando</u> pé forte né mas assim mas veio

Apesar da pergunta da mediadora focar o modo como Ana explica para André, bem como sua compreensão, a mãe apresenta como resposta a expressão não-verbal do filho “ele fica chorando” (1.29). A narrativa da mãe não indica reflexão sobre a compreensão do menino, mas demonstra uma percepção de que a comunicação de André se dá através do choro.

Em seguida, ela inicia uma narrativa pequena sobre a reação do filho ao evento particular que ocorreu naquele mesmo dia (1.29), exemplificando. Podemos identificar uma sequência de ações no passado: -“eu falei é.” “ele disse” “eu falei” “mas não pode” “aí quando ele veio”, através de discurso relatado, realçando o evento narrado.

O ponto dessa narrativa é evidenciar uma identidade de boa mãe, que tem autoridade. O ponto é introduzido através da avaliação em forma de explicação “né deu pra ele ficar assistindo um pouquinho enquanto ele estava tomando café” (1.31). Ana explica que o filho teve algum tempo para assistir televisão, mas, mesmo assim, ficou aborrecido e ofereceu resistência ao ter que parar para se arrumar “aí quando ele veio ele veio pisando pé forte” (1.32). Além disso, o papel de mãe que consegue contornar a situação está presente com a afirmação final “mas veio” (1.32), ou seja, mesmo chateado, ele obedeceu à sua mãe.

Como observado, a mãe constrói um diálogo em português entre ela e o filho, o que não parece compatível com o desenvolvimento linguístico da criança. Carolina, buscando uma reflexão que problematize a dificuldade de comunicação entre mãe e filho, retoma a narrativa de Ana visando novamente negociar o tópico. A resposta de André construída em português “ele disse “eu queria ver televisão”” (1.30), não é compatível com seu desenvolvimento linguístico. Pelas observações

feitas no Ambulatório, ele ainda apresenta um desenvolvimento linguístico bastante incipiente, utilizando primordialmente gestos e poucas palavras soltas.

Em seguida, porém, a mãe relata o protesto de André “ele veio pisando pé forte” (1.32), que pode estar indicando a forma de expressão não-verbal utilizada pela criança na interação. Nesse momento, vemos que a mãe não traduz a ação do filho em palavras, mas demonstra atribuir significado ao choro e à pisada forte do filho como comunicação, indicando contrariedade.

A seguir, a mediadora, mantendo o enquadre de reflexão, retoma a terceira narrativa de Ana. Buscando focalizar com mais profundidade a comunicação entre ela e seu filho surdo, Carolina questiona especificamente que língua havia sido utilizada na interação entre eles no evento narrado.

(e) Retomada da Narrativa 3 - “mas você explicou pra ele como?”

33.	Carolina	mas você explicou pra ele como? em Libras ou português? você falou essas coisas aí
34.		pra ele como?= =não eu falei “ó agora marlene” {AGORA MARLENE}
35.	Ana	humhum
36.	Carolina	“tá na hora de ir pra marlene=” {HORA IR}
37.	Ana	=aí ele ficou danado
38.	Carolina	hhh
39.	Glória	aí ficou é aí falou que queria ver televisão, ele estava vendo televisão, aí ele falou
40.	Ana	“a eu queria ver” “não pode, agora não pode”
41.		humhum
42.	Carolina	né? mas ele saiu emburrado assi:m mas quando chega aqui você [vê que é diferente
43.	Ana	

Carolina pergunta “mas você explicou pra ele como?”, com foco na forma de comunicação da mãe de forma direta, que solicita elaboração do interlocutor. Em seguida, com a pergunta alternativa: “em Libras ou português?” (1.33), a mediadora restringe as possibilidades de resposta, marcando mais uma vez a informação relevante para ela (Clark e Mishler, 2001). Uma nova pergunta direciona para o tema da comunicação verbal, solicitando a participação ativa da mãe na discussão “você falou essas coisas aí pra ele como?” (1.33-34), após a delimitação do tema realizada com a pergunta anterior.

A mãe mostra que utilizou, concomitantemente, a Libras e também o Português (1.35, 37), caracterizando o que denominamos bimodalismo, na área da surdez. A orientação dada no ambulatório é que ambas as línguas sejam utilizadas, mas em momentos diversos. Essa separação das duas línguas é aconselhada para que haja a manutenção das estruturas de cada língua e para que a criança possa ser exposta a cada uma das línguas de forma plena. Embora não tenha proficiência em

nenhuma das duas línguas, a criança utiliza ora a Libras ora o Português, mas também utiliza as duas línguas concomitantemente, refletindo as práticas comunicativas que vivencia com mãe.

Apesar do exposto, a mediadora não faz nenhum tipo de intervenção sobre o uso concomitante das línguas, neste momento. Carolina retoma o ponto da narrativa de Ana, ao dizer que a criança havia ficado chateada por parar de assistir televisão (1.38), buscando, nesse momento, a reflexão da mãe sobre a qualidade da sua comunicação com seu filho. A mediadora diz “aí ele ficou danado” (1.38), traduzindo em palavras a expressão não-verbal atribuída ao menino pela mãe em (d) “pisando pé forte”. Ana faz uma repetição variante (Norrick, 2000), mostrando concordância com a mediadora “aí ficou é” (1.40), legitimando sua interpretação.

Em seguida, porém, Ana reconstrói o diálogo com André (1.40-41), em português assim como em (d), o que não consideramos compatível com o desenvolvimento linguístico dele. Apesar disso, em seguida a mãe apresenta novamente uma expressão não-verbal de André “ele saiu emburrado”, mais uma vez indicando perceber a comunicação de contrariedade (1.43).

Vemos que Ana constrói uma explicação, comparando o comportamento do filho em casa e no Ambulatório para esclarecer que ele gosta de ir para lá, inclusive destacando que isso é recorrente “quando chega aqui... é diferente” em oposição ao evento ocorrido no dia, construído como particular “saiu emburrado” (1.43). Esse comportamento pode indicar que, de fato, André não entende o porquê de interromper seu entretenimento, embora demonstre gostar de ir ao ambulatório.

### 7.2.3 Carolina: enquadre de intervenção nas práticas comunicativas

A seguir, Carolina passa a estabelecer o enquadre de intervir nas práticas comunicativas vigentes entre Ana e seu filho, fazendo uma orientação.

(f) Narrativa 4 - “aí é bom a gente explicar quando acontece isso”

44.	Carolina	[aí ele fica feliz né ele gosta
45.		aí é bom a gente explicar quando acontece isso “amanhã de manhã você vai ficar
46.		em casa por que amanhã não tem marlene” você explica pra ele isso?
47.		por que a criança às vezes não tem essa noção né
48.	Glória	*sim*
49.	Ana	hum?

Inicialmente, a mediadora demonstra ter compreendido a afirmativa da mãe

sobre o prazer de André frequentar o ambulatório “aí ele fica feliz né ele gosta” (1.44). Assim, Carolina (co)avalia a narrativa de Ana, ratificando a relevância construída (Nóbrega, 2009:226) e demonstrando alinhamento.

Posteriormente, Carolina faz uma orientação um tanto prescritiva, como demonstra a utilização do “é bom” (1.45), através de uma afirmação “aí é bom a gente explicar quando acontece isso”. Por outro lado, ao utilizar a segunda pessoa do plural “a gente”, a mediadora busca se inserir no grupo, procurando mostrar a Ana que essa tarefa de estimular o desenvolvimento linguístico do filho dela é de todos os interlocutores da criança, reduzindo o peso dessa responsabilidade que a mãe carrega ao gerar corresponsabilidade.

A mediadora constrói uma narrativa hipotética muito breve, destacando a importância de a mãe futuramente explicar melhor os acontecimentos da vida da criança (1.45, 46). Essa narrativa breve, que ilustra a orientação anterior, é do tipo projeção (Georgakopoulou, 2006). Logo em seguida, Carolina se remete à história compartilhada anteriormente (Georgakopoulou, 2007 apud Bamberg e Georgakopoulou, 2008), relacionando o passado recente da mãe com o futuro próximo, buscando construir umnexo entre esses eventos (Bastos, 2008) (1.46).

Em seguida, Carolina faz uma avaliação sobre a orientação que deu, através de uma afirmação “por que a criança às vezes não tem essa noção” (1.47), focalizando a dificuldade comunicativa para justificar a necessidade de a mãe planejar junto à criança os acontecimentos que ela irá vivenciar. Assim, a mediadora reforça sua orientação. Ana, por sua vez, demonstra não ter compreendido bem a orientação, pois solicita maiores informações (1.49).

Vemos, a seguir, que a mediadora aproveita o interesse demonstrado pela mãe e procura intervir nas práticas comunicativas vigentes entre ela e o filho. Carolina faz uma afirmação seguida de uma orientação prescritiva. Para ilustrar a orientação, ela constrói duas pequenas narrativas, uma hipotética e uma pessoal.

(g) Avaliação - “eu acho assim, eu faço isso.”

50.	Carolina	é segunda e quarta aqui, mas eles não tem muito essa noção disso, segunda terça
51.		quarta quinta aí é bom você falar “olha hoje tem a marlene porque hoje é quarta
52.		mas amanhã né quinta-feira não tem aí você vai poder ver televisão de {QUARTA QUINTA AMANHÃ NÃO}
53.		manhã a manhã inteira” aí eles entendem melhor. <u>eu acho</u> assim, eu faço isso.
54.		eu tenho dois filhos também né, um de onze outra de seis, sempre faço isso
55.		assim aí “a: mãe eu quero brincar” aí “tá na hora da escola agora tem que
56.		almoçar” “a: mas eu quero brincar” “ó não tem problema você vai chegar em
57.		casa depois da escola você brinca” né você dá uma: ...
58.		sei lá dá um conforto pra eles né um consolo

Nesse momento, Carolina faz uma afirmação sobre as necessidades comunicativas das crianças (1.50), em relação à compreensão dos conceitos de tempo, que leva a uma nova orientação. Ela constrói uma narrativa de experiência pessoal sobre sua vivência com seus filhos (1.55, 56, 57). A narrativa é genérica, e não sobre um evento particular, mas também podemos identificar uma sequência de ações através de diálogo construído (Tannen, 1989). De certo modo, Carolina parece buscar legitimidade para compartilhar experiências, por desempenhar também o papel de mãe “eu tenho dois filhos também né” (1.54). Ao mesmo tempo, vemos a construção de uma identidade de boa mãe, também por parte da mediadora.

A narrativa pessoal genérica vem ilustrar a orientação dada. A mediadora mostra que, se a criança for mais bem informada sobre os acontecimentos que virão, aceitará melhor sua rotina, sabendo o que esperar de cada momento (1.58). Práticas comunicativas que devem ser estabelecidas com as crianças são destacadas mais uma vez, ao reutilizar a avaliação explícita “é bom” (1.51), de forma prescritiva. Porém, dessa vez, a mediadora tematiza a interação com crianças em geral, utilizando o “eles” para focar o planejamento das atividades junto à criança como aspecto fundamental para o desenvolvimento. A ênfase dada no caráter pessoal da informação “eu acho” (L-51, 53), coloca em evidência a possibilidade de haver perspectivas diferenciadas entre os participantes, reduzindo a força ilocucionária da orientação enquanto prescrição.

Não podemos deixar de apontar o uso do bimodalismo na narrativa hipotética da mediadora (1.52). Essa fala bimodal, que associa as modalidades oral e gestual é comum entre familiares ouvintes e filhos surdos, principalmente no início do processo de desenvolvimento de linguagem ou quando há dificuldades na aquisição de linguagem. Essa mesma fala bimodal já foi utilizada pela mãe, no segmento (e). Porém, a orientação do ambulatório é que os profissionais e familiares utilizem as línguas separadamente, como preconiza a filosofia educacional bilíngue. Carolina estava construindo um diálogo hipotético entre mãe e filho, mas a narrativa da mediadora pode demonstrar que, em determinados momentos, o bimodalismo acontece também com profissionais, seja pela dificuldade da criança em compreender enunciados completos em português, ou pelo desconhecimento de sinais de Libras por parte dos profissionais.

### 7.2.4 Narrativas de Glória: adesão à orientação da mediadora

A seguir, Glória, outra mãe presente no grupo, faz uma participação significativa nesse momento da interação com Ana. A narrativa pessoal evidencia a adesão de Glória ao enquadre de orientação da mediadora, bem como sua agência enquanto mãe. Sua narrativa pessoal ilustra a necessidade de informar a criança sobre sua rotina, enfocada anteriormente pela mediadora. Ao mesmo tempo, Carolina procura destacar a agência da mãe e seu papel como mediadora do filho.

#### (h) Narrativa 5 - “quando o Diogo era mais ou menos da idade dele”

59.	Glória	é por que quando o diogo era mais ou menos da idade dele por que eles são
60.		difíceis [eles esquecem o dia da semana, esquece até o nome né?
61.	Carolina	[são humhum
62.	Glória	aí tem o:: o:: como é que é? o mês, o calendário, [eu sempre
63.		chegava na segunda-feira “hoje é segunda:: tem marlene” ia lá {SEGUNDA}
64.		mar[cava “tem escola à tarde” ou de manhã né que seria o horário.
65.		aí na terça-feira ia de no- novamente lá no- marcava “hoje é te:rça,
66.		hoje não tem marlene, tem escola à tarde mas tem o reforço” ia lá-
67.		até hoje é tudo marcado=
68.	Carolina	[a: o calendário
69.		[hum hum =é ótimo isso
70.	Glória	só que ele sabe se- os dia da semana o que tem o que não tem só que ele por
71.		ele mermo, vai lá e *marca*
72.	Carolina	mas é por ele mermo por que você ensinou né?
73.	Glória	é: tá sempre tudo marcado
74.	Carolina	você fez esse trabalho com ele que é o trabalho que a gente faz aqui sabia?
75.	Glória	é desde pequenininho sempre:[lembrando que a criança às vezes,
76.		às vezes esquece

Glória começa concordando explicitamente com Carolina “é” (l.59) e expõe a situação de dificuldade linguística das crianças surdas com uma avaliação externa “por que eles são difíceis” (l.59). Glória avalia explicitamente “esquece até o nome né?” (l.59 e 60), se baseando em sua experiência com seu filho.

A narrativa de Glória é sobre um acontecimento recorrente (l.62), em relação a um hábito que ela tinha quando seu filho era pequeno. A narrativa tem o mesmo ponto da narrativa anterior da mediadora, sobre a importância de informar a criança sobre os acontecimentos que virão. Glória tem legitimidade para falar de sua experiência, por já ter vivenciado essa fase com o filho “por que quando o Diogo era mais ou menos da idade dele” (l.59). Vemos que Carolina coconstrói a contextualização dos eventos (l.68), motivando maior elaboração por parte da narradora. Ela ainda elogia a mãe, valorizando sua agência e evidenciando a

importância de sua interlocução (1.69).

Ao mesmo tempo em que Glória se constrói como uma mãe que se comunica, fazendo seu papel de mediadora junto ao filho, ela constrói seu filho como um rapaz que tem conhecimentos (1.70), de certo modo minimizando a importância de seu papel de interlocutora. A mediadora interfere, novamente, utilizando o “mas” para direcionar a discussão para o papel mediador da mãe junto ao filho. Carolina equipara o papel da mãe ao das profissionais do ambulatório através de uma afirmação “você fez esse trabalho com ele que é o trabalho que a gente faz aqui” (1.74), mais uma vez destacando sua agência. Ela ainda utiliza uma pergunta retórica que evidencia a importância da interlocução dessa mãe e de sua agência “mas é por ele mermo por que você ensinou né?” (1.72).

A narrativa de Glória apresenta múltipla função interacional. Funciona para mostrar adesão ao enquadre da mediadora, evidenciando compreensão da orientação dada; exibe uma construção identitária de mãe que apresenta boas práticas comunicativas na interação com seu filho, sendo persistente e incansável; ilustra, para Ana, a orientação dada pela mediadora, trazendo um exemplo concreto de mediação mãe-filho; caracteriza o filho como alguém independente.

Quadro IV – Identidades construídas por Glória

Constrói identidade de boa mãe	eu sempre chegava na segunda-feira “hoje é segunda: tem marlene”... aí na terça-feira... novamente... “hoje é terça, hoje não tem marlene, tem escola à tarde mas tem o reforço”
Caracteriza filho independente	ele sabe se os dia da semana o que tem o que não tem só que ele por ele mermo
Ilustra orientação para Ana	por que eles são difíceis eles esquecem o dia da semana, esquece até o nome né?
Se alinha com a mediadora	é por que quando o diogo era mais ou menos da idade dele

A participação de Glória na interação sem que isso seja solicitado evidencia produtividade interacional (Fabrício, 2011), pois a relação horizontalizada possibilita compartilhar discursivamente suas vivências junto ao filho. A corresponsabilidade entre profissionais e familiares em relação ao desenvolvimento da criança é destacada, ao se identificar na prática da mãe uma atividade realizada no ambulatório. Esse evento também indica produtividade (inter)subjativa (Fabrício, 2011), já que o senso de pertencimento e confiabilidade mútua no grupo fazem Glória se colocar na interação, dando evidências de autogoverno ou agência por exemplificar a fala da mediadora ao se

identificar a orientação dada.

É interessante notar que a variante “mermo” utilizada por Glória (1.71) é, em seguida, reproduzida por Carolina (1.72). A variação é encontrada na fala da mediadora especificamente nesse momento, e não nos demais momentos da interação, o que indica uma tentativa de alinhamento com Glória, através do uso da mesma variante linguística. Observamos que a mãe procura se alinhar e aderir ao enquadre da mediadora através da construção de uma narrativa que apresenta o mesmo ponto da narrativa da mediadora, que, por sua vez, também procura se alinhar à mãe, o que se identifica através da utilização da variante sociolinguística.

### 7.2.5 Carolina: enquadre de orientações sobre planejamento

A seguir, no encontro posterior do grupo, a mediadora procura retomar a situação vivenciada por Ana buscando retomar o enquadre anterior de orientação, com a necessidade de planejamento das atividades que serão realizadas pela criança e avaliar possíveis desdobramentos do encontro anterior.

#### (i) Retomada de Narrativa construída no encontro anterior - “conta pra ela”

77.	Carolina	a gente ficou conversando semana passa:da sobre a questão do antô:nio
78.		quando: tá na hora dele vir pra cá *sim* né? ((olha para Ana)) ↑conta pra ela
79.		(2) que ele fica querendo assistir televisã::o
80.	Ana	não ele quer assistir televisã::o ↑hoje mesmo ele queria ficar brincando no
81.		play dois e eu falei que não que não po::de [aí ele
82.	Carolina	[playstation?
83.	Ana	play:: play dois
84.	Carolina	é um videogame né?
85.	Ana	é... <joguinhos> ↑aí eu falo que a gente vai na marle:::ne ele fica ↑emburrado
86.		mas <u>hoje</u> eu falei “ó eu tô me arrumando” tava me arruma::ndo e ele tava lá:
87.		jogando aí::: ele foi desligo::u e foi pro banhe:iro tomar banho escovar o dente
88.		e: pra mim arrumar e:le quer dizer não é não fica uma chorade::ira danada

Carolina procura retomar o tópico relacionado ao planejamento, discutido no encontro anterior, através da retomada da narrativa, fazendo um resumo (1.77-79). Ela também faz um pedido (1.78) para Ana relatar para outra mãe, Alva, o que foi discutido no grupo anterior, buscando alcançar seu tópico de interesse. Embora ambas as mães tivessem participado do encontro anterior, as mesmas haviam se desencontrado, pois Alva saiu cedo do encontro anterior, como pode ser observado no Quadro II (página 170). Desse modo, Alva perdeu o momento no qual o planejamento foi tematizado, após a construção da narrativa sobre a vivência de Ana na hora de sair com André.

É interessante notar que o resumo que retoma o tópico guia (1.78-79) não aborda o ponto focado pela mediadora no momento anterior do grupo. Embora anteriormente seu enfoque tenha sido na necessidade de explicar e planejar junto à criança os acontecimentos, ela retoma o tópico com a apresentação do tema através da perspectiva assumida anteriormente pela mãe, ou seja, enfocando a negativa da criança como vontade de realizar outra atividade.

A mãe traz uma repetição variante do discurso da mediadora, que apresenta o problema como hábito, funcionando como um resumo que contém o ponto, da perspectiva da mãe “ele quer assistir televisã:o” (1.80). Após, inicia uma exemplificação com uma narrativa particular, sobre a reincidência da situação, no dia desse encontro. A narrativa se inicia exatamente a mesma sequência de ações relatada no encontro anterior, embora, dessa vez, o entretenimento seja o videogame. A conduta da mãe e a reação da criança permanecem inalteradas num primeiro momento, levando a uma nova sequência de recusa e discussão, pelo viés da criança “↑hoje mesmo ele queria ficar brincando no play dois e eu falei que não que não po::de [aí ele” (1.80, 81). A mãe faz referência a essa prática comunicativa de embate através dessa narrativa particular mínima.

Perguntas de esclarecimento da mediadora (1.82 e 83) interrompem brevemente a narrativa, mas, por serem um tipo de turno do recipiente utilizado para mostrar atenção, não chegam a quebrar o fluxo do relato (Bastos, 2005), que em seguida é retomado. Mais uma vez, o relato apresenta a situação como habitual “↑aí eu falo que a gente vai na marle:::ne ele fica ↑emburrado” (1.85). Essa narrativa mínima é genérica, que relata algo recorrente, um hábito evidenciado através da construção verbal no tempo presente “eu falo... ele fica”.

### **7.2.6 Ana: mudanças a partir das reflexões do Grupo**

Porém, dessa vez, a mãe reenquadra sua posição anterior, apresentando uma nova solução para o dilema que enfrenta. Ao invés de ordenar o afastamento do brinquedo e iniciar um embate com a criança, ela opta pela estratégia de ir se arrumar para sair ““ó eu tô me arrumando” tava me arruma::ndo e ele tava lá: jogando” (1.86-87). Aparentemente, a solução encontrada pela mãe funciona “aí::: ele foi desligo::u e foi pro banhe:iro tomar banho escovar o dente e: pra mim arrumar e:le” (1.87-88). Podemos interpretar essa estratégia da mãe como uma

nova possibilidade de compreensão para André, que dessa vez pode ter compreendido que iria sair, não linguisticamente, mas através da observação das atividades da mãe.

Ana faz referência a essa mudança inédita no seu padrão habitual de atitude (1.86), marcando inclusive a extraordinariedade do fato “mas hoje eu falei”. A reflexão realizada no encontro anterior do grupo parece ter mostrado à Ana que o padrão de discussão e embate utilizado anteriormente poderia ser modificado, trazendo benefícios.

A mudança de atitude narrada pela mãe dá indícios de que o encontro anterior do grupo gerou uma coconstrução da ordem social entre os participantes do grupo, evidenciando produtividade interacional (Fabrício, 2011). A possibilidade de compartilhar discursivamente fazeres e decisões é importante, assim como a mudança de atitude narrada pela mãe. Vemos, também, produtividade (inter)subjéctiva (Fabrício, 2011) caracterizada por evidências de autogovernamento, visto que Ana demonstrou agência, ao criar uma nova estratégia de interação junto ao filho. Acreditamos poder identificar também produtividade educacional (Fabrício, 2011), visto que a mudança de atitude pode ter decorrido das condições de possibilidade de aprendizagem ofertadas pela interação no grupo.

A referência à ação habitual já relatada no encontro anterior do grupo pode ser explicada pela presença da outra mãe, que precisaria ter acesso à atitude anterior para compreender a mudança de atitude enfocada por Ana. Por outro lado, ao se remeter à narrativa genérica e, logo em seguida, relatando o passado recente através de uma narrativa canônica, pode estar tentando relacionar esses eventos buscando construir um nexó entre eles (Bastos, 2008).

Ainda, é interessante observar a coda utilizada pela mãe “não fica uma chorade::ira danada” (1.88), que evidencia uma busca de Ana pela normalização dos eventos (Sacks, 1984) vivenciados junto a André.

### **7.2.7 Carolina: enquadre de verificação**

Apesar do reenquadre de Ana, com mudança de atitude, a seguir veremos que a mediadora retoma o enquadre do planejamento buscando a problematização da comunicação entre mãe e filho, mas desse modo ignora a mudança de atitude

criada por Ana. Nesse enquadre, a intervenção da mediadora é direcionada para a cobrança de uma mudança de atitude da mãe e para a verificação, que busca averiguar se a mãe acatou a orientação da fonoaudióloga, indicando foco na especialidade.

A transcrição completa do encontro aponta um desvio no tópico, com tematização de situações com outras crianças durante 188 linhas, indicando que a mediadora buscou reenquadrar o tópico sobre o planejamento conscientemente.

(j) Cobrando uma de mudança de atitude

89.	Carolina	(...) então m:: mas é: a gente ainda não m:: contou pra ela o que a gente::
90.		tava conversando °quarta feira passada°
91.		(...) é que a gente tava conversando dele não querer vir né dele não querer
92.		largar a televisão... você tava falando do videogame de hoje também
93.	Ana	*sim* mas assi::m não é aquela choradeira igual °(ele ficava)° chora::ndo não
94.		(pra vim sabe?) ↑não agora ↑não
95.	Estudante	((abre a porta)) ui desculpa
96.	Carolina	nada
97.	Ana	eu faço assi::m eu::: eu finjo que não tô nem ligando tá entendendo?
98.	Carolina	*sim*
99.	Ana	não “ô tem que ir, ô eu tô me arrumando”
100.	Carolina	e você experimentou explicar pra ele aquilo que eu falei? de::
101.		“amanhã amanhã você vai ficar em ca::sa” *sim* experimentou
102.		falar com ele isso hoje?
103.	Ana	num- nã::o nã::o
104.	Carolina	não né?
105.	Ana	mas ontem né porque assim ele não fico::u foi rápido tá entendendo?
106.		foi rápido assim
107.	Carolina	foi?
108.	Ana	ele falou eu cheguei ele falou “não” é aí eu falei “mas tem que ir ↑pra marlene”
109.	Carolina	*sim*

A mediadora busca retomar a discussão anterior (l.89-92) que enfocava a necessidade de planejamento. Sua afirmação evidencia insatisfação por não terem tematizado satisfatoriamente seu ponto de interesse “mas é: a gente ainda não m:: contou pra ela” (l.89). A mediadora retoma o tópico, através de uma afirmação “é que a gente tava conversando dele não querer vir né” (l.91). Em seguida, outra afirmação funciona como um resumo que transfere o turno para Ana, a elegendo como narradora “você tava falando do videogame de hoje também” (l.92).

Ana continua seu esforço por normalizar a experiência “não é aquela choradeira igual °(ele ficava)° chora::ndo não” (l.93) e destaca a diferença de comportamento de André através da mudança de entonação que denota ênfase “↑não agora ↑não” (l.94). Ela apresenta novamente sua mudança de atitude, agora construída como hábito, através de uma narrativa genérica “eu faço assi::m eu::: eu finjo que não tô nem ligando tá entendendo?” (l.97). Frente à mudança de

atitude que ela teve, essa mãe demonstra estar satisfeita com a solução encontrada por ela para evitar o conflito com o filho, e com a mudança de comportamento dele decorrente disso. Sua atitude demonstra agência e criatividade para solucionar problemas, embora não evidencie compreensão da necessidade de planejamento.

Fingir ignorar André, se vestindo para sair, foi a solução imediata possível para Ana, mas Carolina ignora a mudança de atitude realizada por essa mãe. A mediadora busca encontrar evidências de que a mãe acatou a solução que ela imaginou e orientou. De certo, esse momento de planejar as ações junto ao filho com antecedência é necessário para o desenvolvimento dele, mas Carolina não percebe a agência e a mudança possível para a mãe, nesse momento.

Sem perceber a mudança de atitude que ocorreu, a mediadora pergunta diretamente se a mãe seguiu sua orientação anterior, de explicar para a criança a possibilidade de brincar depois, “e você experimentou explicar pra ele aquilo que eu falei?... experimentou falar com ele isso hoje?” (l.100-102). Podemos considerar esse tipo de intervenção como uma pergunta de verificação, que visa averiguar se a mãe/usuária acatou a orientação da fonoaudióloga/profissional. Destaco que a pergunta se caracteriza por uma construção fechada, que pede “sim” ou “não” como resposta. Entendo que essa insistência para retomar a narrativa e a pergunta de verificação indicam foco na especialidade.

Visando relembrar a mãe da orientação dada, Carolina ainda repete o modelo de planejamento proposto por ela no encontro anterior do grupo ““amanhã você vai ficar em casa”” (l.101). Ao responder que não havia seguido a sugestão da fonoaudióloga, a mãe explica que não o fez porque não teve grandes problemas (l.103). Carolina, que não havia notado a mudança de atitude da mãe, utiliza perguntas retóricas (l.104) que solicitam uma maior elaboração da interlocutora, ainda no enquadre de verificação, solicitando justificativas de Ana. Assim, a mãe justifica porque não acatou a orientação da fonoaudióloga, demonstrando estar ciente das expectativas da profissional “mas ontem né porque assim ele não ficou foi rápido tá entendendo?” (l.105), o que também aponta para o foco na especialidade.

A mediadora não parece ficar satisfeita, utilizando nova pergunta retórica (l.107), solicitando maiores justificativas de Ana. Neste momento, a mãe retoma, mais uma vez, a narrativa sobre aquela manhã. Dessa vez, porém, utilizando um

diálogo construído entre ela o filho que volta à estrutura de embate relatada originalmente “ele falou “não” é aí eu falei “mas tem que ir ↑pra marlene”” (1.108).

No mesmo dia, duas versões narrativas sobre a situação do dilema de se arrumar para sair foram construídas por essa mãe. Uma delas ainda na perspectiva antiga, apresentando embate e discussão entre ela e o filho. A outra na perspectiva nova, quiçá influenciada por reflexões feitas no encontro anterior do grupo, no qual a mãe apresenta uma mudança de atitude, construindo um diálogo em que passa simplesmente a avisar para André que está se arrumando para sair e passando a se arrumar de fato, tendo como resposta um comportamento mais responsivo do filho. Essa coexistência de duas perspectivas no discurso mostra que ambas povoam o imaginário de Ana, indicando que o grupo pode ter gerado reflexão e conscientização sobre o processo comunicativo entre mãe e filho. Desse modo, reconhecemos produtividade educacional (Fabrício, 2011) na interação do grupo. No Quadro III, a seguir, destacamos os segmentos significativos, no primeiro e no segundo momentos, expondo a configuração das narrativas.

Quadro V – Coexistência de perspectivas no discurso

Primeiro momento
↑hoje mesmo ele queria ficar brincando no play dois e eu falei que não que não po::de
Perspectiva <i>antiga</i> de discussão – narrativa <i>canônica</i> (sequência específica de eventos no passado)
↑aí eu falo que a gente vai na marle::ne ele fica ↑emburrado
Perspectiva <i>antiga</i> de discussão – narrativa <i>genérica</i> (uso de verbos no presente)
mas <u>hoje</u> eu falei “ó eu tô me arrumando” tava me arruma::ndo e ele tava lá:
jogando aí:: ele foi desligo::u e foi pro banhe::iro tomar banho escovar o dente
e: pra mim arrumar e:le quer dizer não é não fica uma chorade::ira danada
Perspectiva <i>nova</i> com presença de atitude diferenciada de ação – narrativa <i>canônica</i> (sequência específica de eventos no passado) com avaliação genérica (uso de verbos no presente)
Segundo momento
eu faço assi::m eu:: eu finjo que não tô nem ligando tá entendendo?
Perspectiva <i>nova</i> com presença de atitude diferenciada de ação – narrativa <i>genérica</i> (uso de verbos no presente)
eu cheguei ele falou “não” é aí eu falei “mas tem que ir ↑pra marlene”
Perspectiva <i>antiga</i> de discussão – narrativa <i>canônica</i> (sequência específica de eventos no passado)

É interessante notar que, num primeiro momento, a perspectiva antiga, de discussão, se apresenta tanto na forma de narrativa sobre fatos específicos como na forma de narrativa genérica. Nesta narrativa canônica mínima, é apresentada a situação, mas não é feita avaliação. Em seguida, através da narrativa genérica, a mãe avalia a sequência de eventos a partir do ponto de vista da criança “ele fica ↑emburrado”, marcando a problemática dos eventos. Ou seja, o fato problemático

é apresentado como habitual.

Vemos que, na perspectiva nova, há a presença de uma avaliação explícita, apresentada como genérica devido ao uso do verbo no presente “quer dizer não é não fica uma chorade::ira”, apesar da narrativa ter sido construída como canônica. Essa avaliação fala da subjetividade da mãe, indicando que, para ela, a experiência vivenciada não foi muito complicada, já que o filho não persistiu muito tempo chorando. A atitude diferenciada da mãe se apresenta como narrativa canônica, sobre o fato específico ocorrido no dia, marcando a nova solução encontrada pela mãe para o problema. Após, a avaliação genérica gera uma apresentação dos eventos como descomplicados, minimizando a experiência problemática da situação como um todo, considerando a solução encontrada pela mãe.

Num segundo momento, observamos que esse padrão não se mantém; temos a perspectiva nova se apresentando como narrativa genérica “eu finjo que não tô nem ligando”, seguindo a linha de apresentação já evidenciada na avaliação anterior. Já a perspectiva antiga, de discussão, se apresenta na forma de narrativa sobre fatos específicos, através do discurso relatado, minimizando novamente problemática como se a situação fosse pontual e não recorrente.

### 7.2.8 Carolina: enquadre de reflexão sobre a compreensão de André

A seguir, assim como em (e), uma nova sequência de perguntas da mediadora reenquadra a compreensão de André, desenvolvendo outro olhar sobre a comunicação dessa mãe com seu filho, e elicitando uma nova narrativa pessoal canônica de Ana (l.111).

(k) Narrativa 6 - “n:ã::o hoje ele me perguntou se eu não ia comprar pão”

110.	Carolina	mas e quando tá faltando água como é que é? o André já entendeu como funciona i::sso? você como é que você [fa-
111.	Ana	[n:ã::o hoje ele me perguntou se eu
112.		não ia comprar pão
113.	Carolina	humhum
114.	Ana	ái eu falei assim “não tem como, é que como não tá tendo luz” é:: “ontem
115.		ontem tinha luz então teve pão mas essa noite como faltou dez hora não deve
116.		ter tido pão pra hoje de manhã” [...]
117.	Ana	[...] aí ↑eu falei com ele
118.		“ó acabou a lu::z então não tem pão” *fazer o que* né? {APAGAR-LUZ} *não*{NÃO-TER}
119.	Carolina	humhum
120.	Ana	ái ele falou ((olha para cima como se ele a estivesse olhando)) “a: tá”... só.

121.		porque eu falei “ó: faltou luz na padaria não tem não tem pão” *sim* {APAGAR-LUZ NÃO-TER}
122.	Carolina	humhum
123.	Ana	ai ele ((olha para cima como se fosse ele olhando pra ela)) “m.:” *sim*

O interessante neste trecho é observar a especificidade da comunicação entre Ana e André, evidenciada através do diálogo construído para ela na narrativa. A comunicação não-verbal estabelecida entre essa díade começa a emergir no discurso de Ana, sendo caracterizada pelo uso de gestos e olhares atribuídos ao menino, e significadas pela mãe.

Inicialmente de forma muito direta, Carolina solicita elaboração de Ana sobre o tema da comunicação, aproveitando um comentário dela sobre falta d'água “mas e quando tá faltando água como é que é?” (l.110). Logo depois, ela especifica o questionamento sobre a compreensão de André, restringindo o tópico e as opções de resposta com a pergunta sim/não “o André já entendeu como funciona i::sso?”, marcando mais uma vez a informação relevante para ela (Clark e Mishler, 2001). Com a pergunta final, novamente aberta, porém após a delimitação do tema através da pergunta anterior, Carolina direciona para a estratégia de comunicação da mãe, solicitando sua participação ativa na discussão “você como é que você [fa-” (l.110). A mãe nem espera a mediadora terminar, interrompendo a interlocutora ao iniciar seu relato (l.111).

Nota-se que a mãe apresenta a fala do filho em forma de discurso indireto “[n:ã::o hoje ele me perguntou se eu não ia comprar pão” (l.111-112). Isso pode significar uma maior elaboração de seu discurso, que pode ter ocorrido em Português ou em Libras, pode ter sido composto por apenas um sinal ou palavra, por exemplo. Ainda, pode consistir até mesmo numa tradução para palavras da linguagem não verbal utilizada pelo menino.

O início o diálogo construído ocorre apenas em português, e apresenta uma explicação elaborada da mãe, incluindo referências temporais “aí eu falei assim “não tem como, é que como não tá tendo luz” é:: “ontem ontem tinha luz então teve pão mas essa noite como faltou dez hora não deve ter tido pão pra hoje”” (l.114). Esse discurso dificilmente seria compreendido por André devido ao seu atraso de linguagem, mas é interessante notar a tentativa da mãe em ofertar uma explicação completa, comparando a situação do dia anterior com a desse dia, e explicitando as relações de causalidade.

A seguir, Ana passa a construir o diálogo misturando português, gestos e Libras em sua fala (l.118). Essa fala bimodal, que como já foi comentado se caracteriza pela associação das modalidades oral e gestual, já foi utilizada pela mediadora, na sua fala construída em narrativas hipotéticas no excerto (g) e pela mãe, em narrativas pessoais no excerto (e). A utilização conjunta da Libras e do Português não é recomendada, mas a utilização dos sinais de Libras e dos gestos torna esse discurso mais compreensível para André.

118	Ana	“ó acabou a lu::z então não tem pão” *fazer o que* né? {APAGAR LUZ} *não*{NÃO-TER}
120	Ana	“aí ele falou ((olha para cima como se ele a estivesse olhando)) “a: tá”... só.

O mais relevante nesse excerto, porém, é a forma como a resposta construída para André é anunciada “aí ele falou” (l.120) e em seguida avaliada pela mãe “só”. A resposta em si é composta por um componente não-verbal no qual André fica olhando para a mãe e em seguida pela fala em português “((olha para cima como se ele a estivesse olhando)) “a: tá”” (l.120). A fala em português, assim como foi dito em (d) e (e), não é muito compatível com o que observamos em André no ambulatório, embora seja uma resposta simples e comumente observada em crianças ouvintes da idade dele. A avaliação feita por Ana pode demonstrar uma percepção de que André não teria compreendido. A falta de compreensão é comumente interpretada pelo interlocutor quando a criança surda fica apenas olhando para o falante ou até mesmo fazendo gesto de sim com a cabeça, justificando a necessidade de uma nova explicação, que viria a seguir.

Ana explica novamente porque não tinha pão (l.121), de forma mais simples, ainda utilizando português e Libras. Dessa vez a resposta de André é composta apenas do olhar, do gesto de sim com a cabeça e de uma vocalização “m::” (l.123), não apresentando fala em português. Desse modo, o relato da mãe se aproxima, bastante, do que observamos ao interagir com a criança.

121	Ana	porque eu falei “ó: faltou luz na padaria não tem não tem pão” *sim* {APAGAR LUZ NÃO-TER}
123	Ana	“aí ele ((olha para cima como se fosse ele olhando pra ela)) “m::” *sim*

Vemos que o verbo de dizer, antes presente, posteriormente desaparece do anúncio do discurso construído para André. Paralelamente, a fala construída deixa de ser apresentada em português e passa a ser apresentada através de uma vocalização associada a um gesto. Consideramos significativa essa aproximação progressiva, do discurso construído para André na fala de Ana, com a observação

que fazemos de sua comunicação com ele no Ambulatório.

120.	Ana	áí ele falou ((olha para cima como se ele a estivesse olhando)) “a: tá”... só.
123.	Ana	áí ele ((olha para cima como se fosse ele olhando pra ela)) “m.:” *sim*

A seguir, Ana volta-se para a narrativa construída por ela em (k), sobre sua solução para o embate da hora de sair. Na realidade, nesse segmento Ana está apenas retomando sua narrativa, que havia sido interrompida por uma sequência lateral sobre o uso da Libras, que será enfocada posteriormente.

A nova solução encontrada por Ana é enfocada em toda sua narrativa, que mescla a situação particular do dia com o hábito. A mãe inicia essa retomada com uma narrativa canônica e a finaliza com uma narrativa genérica, que avalia a situação como resolvida, normalizando a experiência mais uma vez.

(l) Retomada da Narrativa 6 - “áí quando ele viu”

124.	Ana	comeu bolacha biscoito e:: ↑ficou lá no videogame áí eu falei
125.		“tá na hora de tomar banho pra ir pra escola-- pra-- não pra ir pra:: marlene”
126.	Carolina	humhum
127.	Ana	áí ele falou que nã::o que tava que ( ) que era eu que tinha que esperar ele
128.		“↑então tá, eu vou sozinha e <u>você</u> vai ↑ficar em casa sozinho↓”
129.	Carolina	humhum
130.	Ana	áí ele ficou brincando áí quando ele viu que eu nã::o não liguei muito pra e::le
131.		e continuei ↑me arruma::ndo
132.	Carolina	áí ele resolveu se arrumar?
133.	Ana	né áí ele foi desligo::u mas ele sempre faz isso mesmo
134.	Carolina	humhum
135.	Ana	ele- eu até sei se eu não preciso ficar grita::ndo... tá entendendo? não preciso
136.		ficar gritando nem fica::r me esguelando nem ficar sabe sair da paciência
137.	Carolina	humhum
138.	Ana	eu só falo com ele “então você fica em casa sozinho (.) tá bom?”
139.	Carolina	áí ele não quer
140.	Ana	áí ele vai fica assi::m *não sei* mais um pouquinho brincando daqui a pouco
141.		ele olha de novo áí eu tô:: não tô ligando pra ele
142.		ele <u>vai</u> cuidar de se arrumar

Desta vez, Ana constrói um início de discussão entre ela e o filho no qual André inicia um embate (l.127) que não é alimentado pela mãe (l.128). Mais uma vez, Ana constrói um diálogo em português entre ela e o filho, o que já foi discutido anteriormente. Porém, posteriormente ela tangencia a percepção visual de André “áí quando ele viu” (l.130) como motivadora de sua mudança de comportamento “né áí ele foi desligo::u” (l.133). Apesar dele provavelmente não ter entendido o discurso da mãe, seu comportamento já foi influenciado por essa mudança de atitude (l.128, 131). Parece que a solução dela teve o efeito desejado, visto que ele percebeu através das pistas sociopragmáticas que ela iria de fato sair (l.130, 141) indo então se arrumar (l.133, 142).

Uma pergunta eliciadora da mediadora é usada para motivar a avaliação da

narradora “aí ele resolveu se arrumar?” (l.132), focalizando a decisão da criança. Ana comenta esse efeito positivo que sua mudança de atitude teve em André, embora traga o comportamento dele como algo recorrente “mas ele sempre faz isso mesmo” (l.133). A partir daí Ana utiliza uma narrativa genérica com a qual exprime a avaliação da sua narrativa, enquadrando a situação como estando controlada (l.135, 136) pela sua mudança de atitude (l.138, 141). Vemos que Carolina (co)avalia a narrativa de Ana, focalizando novamente a atitude da criança “aí ele não quer” (l.139). Assim, a mediadora demonstra ter compreendido a narrativa da mãe, ratificando sua relevância (Nóbrega, 2009:226) e demonstrando alinhamento.

É relevante notar que o diálogo construído é utilizado em turnos da mãe (l.125,128), enquanto a única fala atribuída a André nessa narrativa é apresentada por discurso indireto (l.127), o que como vimos pode significar uma maior elaboração de seu discurso, que de fato pode ter ocorrido em Português ou Libras, podendo até mesmo ter sido composto por apenas um item lexical. As ações do menino, por sua vez, são descritas detalhadamente pela mãe (l.124, 130, 133, 140-142), o que aponta para uma maior consciência da mãe em relação ao tipo de comunicação mais frequentemente empreendida pelo filho.

Se descrever ações permite construir elementos implícitos como a maneira de agir e pensar de personagens que as executam (Sá, 1999:63), Ana pode estar caracterizando André ao descrever suas ações. Pormenores da sequência de ações que poderiam ser inferidos ganham importância na medida em que opõem ações esperadas à ações inesperadas (Sá, 1999). Descrevendo as ações atribuídas ao filho, ao invés de lhe atribuir falas como fez anteriormente, ela pode estar avaliando sua comunicação.

Ana não questiona as habilidades de compreensão linguística do filho, nem comenta que ele pode estar modificando seu comportamento baseado apenas nas pistas sociopragmáticas, ou seja, vendo ela se vestir. Vemos, porém, que Ana está utilizando novas possibilidades de solução de problemas com André. Observamos que a mediadora praticamente se limita a utilizar sinais de atenção (l.126, 129, 134 e 137), respeitando o turno narrativo de Ana e a construção de sua perspectiva sobre os eventos, que antes havia sido interrompida. Reparamos, ainda, que a mãe passa a descrever minuciosamente as ações do filho, demonstrando estar mais atenta a essa particularidade interacional do menino.

### 7.2.9 Carolina: retomada do enquadre de orientação com Ana

No próximo segmento, a mediadora procura retomar o enquadre de orientação, retomando o planejamento como outra possibilidade de solucionar o conflito da hora de sair entre mãe e filho e, mais ainda, de propiciar uma interação dialógica que favoreça o desenvolvimento linguístico da criança. Seu discurso enfatiza a causalidade e a condicionalidade, envolvidas na situação tematizada, visando evidenciar o papel do planejamento. Sabe-se que a habilidade de planejar se institui através do discurso no desenvolvimento cognitivo da criança, inicialmente através da oferta de planejamento existente na fala do adulto.

(m) Narrativa 7 - “ó hoje tem que dormir mais cedo porque amanhã”

143.	Carolina	e no dia que não tem marlene vocês ficam em casa a manhã toda?
144.	Ana	*sim*
145.	Carolina	né quando não tem aqui?
146.	Ana	*sim* é a manhã toda né aí ele fica brincando ele fica vendo televisã::o né? ele
147.		gosta mu:::ito de dese:nho
148.	Carolina	você- sabe o que você podia tentar fazer? não sei no dia anterior <u>de noite</u> já falar *não sei*
149.		“ó hoje tem que dormir mais cedo porque amanhã tem que acordar cedo pra
150.		ver televisão senão não vai dar tempo porque depois tem a marlene”

Após uma pergunta de esclarecimento (l.143) seguida de uma pergunta de confirmação (l.145), que visam entender melhor os eventos cotidianos da família e confirmar a compreensão das informações, a mediadora faz uma orientação sobre a possibilidade de planejar os eventos junto à criança na véspera do compromisso. A ênfase utilizada durante a apresentação da proposta “de noite” enfoca a necessidade da mãe se antecipar às dificuldades da criança e propor estratégias para lhe ajudar.

Carolina constrói uma narrativa hipotética muito breve para exemplificar seu ponto, evidenciando o planejamento como outra possibilidade interessante (l.149,150). O uso do “não sei” (l.148), reduz a força ilocucionária desse discurso de orientação, o apresentando como alternativa e não como prescrição. A causalidade e a condicionalidade, habilidades cognitivas que se desenvolvem ao longo do processo de desenvolvimento do discurso narrativo, são enfatizadas, como indica o uso dos conectivos “porque” e “senão”. A repetição do “porque” é indicativa da ênfase conferida ao desenvolvimento da compreensão da causalidade pela criança, processo que inicialmente depende em grande medida do discurso

cotidiano da mãe em interação com a criança.

### 7.2.10 Narrativas de Alva: adesão às reflexões sobre o planejamento

A mediação anterior de Carolina suscita a adesão de Alva ao enquadre de orientação sobre a importância do planejamento, através de narrativas. Num breve intervalo de tempo, essa mãe utiliza 3 pequenas narrativas, uma de cada tipo, para construir o ponto da necessidade de planejamento. Ela constrói uma narrativa genérica mínima, que demonstra a necessidade de planejamento da filha e exemplifica suas iniciativas de questionamento com uma narrativa particular e outra hipotética.

As narrativas apresentam múltipla função interacional, assim como a participação de Glória em (h), funcionando para mostrar alinhamento com a mediadora e compreensão de sua orientação; para construção identitária de uma mãe com boas práticas comunicativas; para apresentar sua filha como uma criança questionadora; e para ilustrar a orientação da mediadora para Ana, trazendo novamente um exemplo concreto de mediação mãe-filho.

#### (n) Narrativa 8 - “eu faço isso com a Vera”

8	Alva	*sim * eu faço isso com a vera.
9	Carolina	faz? como é que você faz?
10	Alva	sabe porque ela pergunta todo dia de noite se amanhã tem fono se no dia
11		seguinte tem fono
12	Carolina	ahã
13	Alva	ela fica “ <u>mãe</u> amanhã tem fono?” e aí eu digo- “não”-- que nem vamos supor
14		que nem de ontem pra hoje. aí tava aquele escuro né
15		aí ela “mãe amanhã vai ter fono?” aí eu falei “n.:um sei” hh “provavelmente
16	Carolina	hhh
17	Alva	sim né?” aí.: eu falei assim “vamos dormir assim mesmo
18		porque: a gente vai pra fono com certeza a gente vai pra fono” “tá”
19		então ela já sabia que como- no dia seguinte ia ter que vir pra fono.
20		aí quando for agora no caso <u>hoje</u> à noite ela vai me perguntar “ <u>mãe</u> amanhã
21		tem fono?” aí eu falo “ <u>não</u> amanhã você pode dormir até mais tarde...”

Alva já inicia sua participação afirmando que costuma planejar junto com sua filha, além de concordar com Carolina “\*sim\*” ainda que de forma sutil e não-verbal (l.151), se alinhando a ela. A mediadora faz uma pergunta retórica e em seguida uma pergunta que solicita maior elaboração sobre o tema (l.152).

A narrativa genérica (l.153, 154, 156) vem mostrar que a menina sempre lhe solicita a antecipação das atividades a serem realizadas, sendo apresentada como

uma criança questionadora. A narrativa evidencia que a mãe, por sua vez, sempre corresponde à necessidade da filha, apresentando boas práticas comunicativas. O diálogo construído (l.156) confere concretude ao relato (Tannen, 1989), mesmo ele sendo genérico.

Uma narrativa específica “que nem de ontem pra hoje” (l.157) vem em seguida. Alva enfoca a causalidade “porque: a gente vai pra fono” (l.161), já salientada pela mediadora em (m). Ela ainda focaliza a probabilidade “aí eu falei “n::um sei” hh “provavelmente”” (l.158), que requer uma maior flexibilidade de pensamento, pois lida com a incerteza dos eventos futuros e com hipóteses divergentes. Desse modo, Alva se apresenta como uma mãe que promove o desenvolvimento da filha, através da interação discursiva.

A mãe faz uma avaliação explícita “então ela já sabia” (l.162) que revela sua filha preparada, desde a noite anterior, para o acontecimento do dia seguinte. Essa avaliação evidencia o conforto da criança causado pelo planejamento prévio junto à mãe, e o papel mediador de Alva.

Alva termina sua participação com uma nova narrativa genérica do tipo projeção (Georgakopoulou, 2006) visto que fala sobre um acontecimento já esperado, mas que ainda está por vir “no caso hoje à noite ela vai me perguntar “mãe amanhã tem fono?” aí eu falo “não amanhã você pode dormir até mais tarde...”” (l.163-164).. Com essa narrativa a mãe retoma o ponto da mediadora em (g) e (m), através de uma repetição variante. Ou seja, a mãe declara que irá planejar, ao apresentar para a filha as consequências de não ter fono no dia seguinte. Assim, ela enfoca novamente a causalidade e se constrói como agente no processo de desenvolvimento linguístico discursivo de Vera.

As risadas compartilhadas entre mãe e mediadora (l.158 e 159) indicam atenção à narrativa e envolvimento interacional. Além disso, o fato de Alva se colocar na interação sem que isso seja solicitado indica produtividade interacional (Fabrício, 2011), que por apresentar relações horizontalizadas, possibilita compartilhar discursivamente fazeres e decisões. Ainda, mostra produtividade (inter)subjetiva (Fabrício, 2011), que seria caracterizada por evidências de autogoverno, se relacionando à agência e ao senso de pertencimento e confiabilidade mútua no grupo, que fazem Alva se colocar na interação ao se identificar com a fala da mediadora.

### 7.2.11 Carolina: retomada de reflexões sobre a compreensão de André

Após a participação de Alva, que corrobora a argumentação da mediadora sobre a necessidade de planejamento, Carolina retoma a conversa com Ana. Mais uma vez a mediadora busca reflexão sobre a interação a mãe e o filho, além de buscar conscientização sobre a importância de eles dois planejarem juntos as atividades que serão realizadas. Mais uma vez, assim como em (k), Carolina procura direcionar a atenção de Ana para as possibilidades de compreensão dele.

(o) Buscando reflexão - “que você acha que é mais fácil pra ele entender?”

8	Carolina	mas aí no caso do André [assim você acha que seria mais fácil você falar no dia
9		anterior pra ele?
10	Ana	[(olha para Carolina)]
11	Carolina	“amanhã- vamos dormir cedo porque amanhã tem fono” ou:: é mais fácil você
12		falar assim na hora que ele <u>reclamar</u> ... que tem que se arrumar você fala
13		“não mas amanhã você vai ficar em ca::sa não sei que não sei que”
14		o que que você acha que é mais fácil pra ele entender?
15	Ana	(o.4) a:: aí num sei
16	Carolina	acha que é a mesma coisa?
17	Ana	é porque assim ele num ele num fica se esguelando pra- sabe? ele só fala que não
18		va::i [(e vai)]
19	Carolina	[mas aí se você tentar pra ver se- se perde essa resistência um pouco né
20	Ana	é eu posso tenta::r porque ele vai- porque ele <u>quando</u> tem fono geralmente
21		quando tem fono eu não deixo ele ligar o playstation
22	Carolina	humhum
23	Ana	<u>não deixo</u> ele ligar=

A mediadora busca focar a eficácia das estratégias utilizadas por Ana, considerando as habilidades comunicativas do menino (l.166), para gerar reflexão sobre o planejamento. Mas a mãe não responde, permanecendo em silêncio (l.167) apesar da pergunta ter sido especificamente direcionada para ela. A mediadora, então, apresenta narrativas hipotéticas com duas opções, em forma de diálogo construído. Ambas as opções abordam o tema, seja na forma de uma antecipação no dia anterior “vamos dormir cedo porque amanhã tem fono” (l.168), seja como promessa durante a situação problema “amanhã você vai ficar em ca::sa” (l.170).

Em seguida, a mediadora retoma a pergunta, enfocando especificamente as possibilidades de compreensão da criança “o que que você acha que é mais fácil pra ele entender?” (l.171). Como a pergunta é realizada de forma mais aberta, requer mais elaboração por parte do interlocutor. Ana parece refletir sobre a questão, visto que faz uma pausa de 4” mas ainda assim afirma não chegar a uma conclusão (l.172) “(o.4) a:: aí num sei”.

Carolina pergunta diretamente se a mãe vê a mesma dificuldade em ambas as possibilidades (l.173) “acha que é a mesma coisa?”, ofertando mais uma oportunidade de reflexão e ao mesmo tempo forçando uma resposta de Ana, ao reduzir as possibilidades de resposta, já que ela não havia respondido antes. Porém, Ana direciona a conversa para sua avaliação da situação, que não é considerada assim tão difícil (l.174). Aparentemente, há um desejo de interromper o foco em sua interação com o filho, através da normalização da experiência.

A mediadora reforça sua orientação sobre a importância do planejamento ao informar que isso poderia reduzir a resistência da criança na hora de sair “se perde essa resistência um pouco né?” (l.176). O uso do “mas aí se você tentar pra ver se-” focaliza a atitude da mãe e transmite uma expectativa da profissional de que o planejamento se realize e uma crença da mesma de que essa estratégia funcionaria. Essa expectativa da mediadora traduz um foco na especialidade, nesse momento da interação, pois ela gera expectativas sobre a ação da mãe, com base em suas crenças teóricas.

Embora Ana diga que vai tentar (l.177), ela ao mesmo tempo minimiza a necessidade de planejar as atividades junto ao filho. Ela faz isso através de outra narrativa genérica. O ponto da narrativa é agora sua autoridade como mãe, bastante enfatizada em seu discurso pela repetição do “não deixo” (l.178, 180) e pela ênfase prosódica ao repetir “não deixo” (l.180). Assim, Ana mostra que vem utilizando como estratégia a modificação do ambiente e das atividades como estratégia, mesmo que, em alguns momentos, o faça sem se comunicar verbalmente com a criança “quando tem fono eu não deixo ele ligar” (l.178).

### 6.2.12 Ana: adesão ao planejamento sugerido no grupo

No próximo trecho, Ana insere o planejamento em sua narrativa.

(p) Buscando inteligibilidade - “a::: aí: °não sei°”

24	Ana	né? aí ele foi ficou na televisão aí foi na- já- eu já falei que não-
25		já falei que não ia <u>não</u> ia ficar brincando muito te::mpo
26	Carolina	humhum
27	Ana	porque eu ia tomar banho e a gente ia se arrumar pra ir pra marlene °( )°
28		((tirando sujeiras da roupa)) aí[: ele ficou brincando
29	Carolina	[mas você acha que ele entendeu que:: não ia
30		poder demorar muito?
31	Ana	a::: aí: °não sei°
32	Carolina	é:: às vezes a gente fica sem saber se eles entenderam... por que é difícil é mais

33		difícil isso né é:: “não vai poder demorar muito vai brincar só um pou <u>co</u> ”= {POUCO}
34	Ana	=só um pouquinho {POUCO}
35	Carolina	é só um pouquinho {POUCO}
36	Ana	eu falo “só um pouqui:nh <u>o</u> ” {POUCO}
37	Carolina	a::: então ele deve ter entendido
38	Ana	porque <u>hoje</u> é:: dia de segunda e de quarta ↑nem dá pra brincar
39	Carolina	humhum
40	Ana	e não adianta ele tentar brincar e dep- ele ligar e na mesma hora eu des[ligar
41	Carolina	[é pois é. é melhor ele saber justamente [quais são os dias-
42	Ana	[é é melhor ↑nem ligar.

Enfim, Ana adere ao enquadre de planejamento, tão esperado pela mediadora, em sua narrativa sobre o momento anterior à saída para o ambulatório “já falei que não ia não ia ficar brincando muito te::mpo porque eu ia tomar banho e a gente ia se arrumar pra ir pra marlene” (l.182, 184). A mãe avisa, com alguma antecedência, que logo o filho teria que desligar a televisão, fazendo referência temporal sobre a duração das atividades no diálogo com a criança. Mesmo sendo um planejamento mais imediato do que sugeria Carolina, o surgimento dessa estratégia no discurso da mãe é significativo.

No Quadro IV, a seguir, podemos comparar a situação anterior em (d), (e) e (l), na qual ela mandava ele se arrumar de imediato, com a perspectiva atual em (p), na qual a mãe avisa que dentro de pouco tempo eles deveriam se arrumar.

Quadro VI – Comparativo entre perspectivas nova e antiga

Antes (d) (e) (l)	eu falei é: “tem marlene então se arruma que a gente vai pra marlene” ele disse “eu queria ver televisão” eu falei “mas não pode”
	eu falei “ó agora marlene” “tá na hora de ir pra marlene=” {AGORA MARLENE} {HORA IR}
	aí falou que queria ver televisão, ele estava vendo televisão, aí ele falou “a eu queria ver” “não pode, agora não pode” né? ↑ficou lá no videogame aí eu falei “tá na hora de tomar banho... pra ir pra:: marlene” aí ele falou que nã::o... que era eu que tinha que esperar ele “↑então tá, eu vou sozinha e <u>você</u> vai ↑ficar em casa sozinho↓”
Agora (p)	aí ele foi ficou na televisão... já falei que não ia <u>não</u> ia ficar brincando muito te::mpo... porque eu ia tomar banho e a gente ia se arrumar pra ir pra marlene eu falo “só um pouqui:nh <u>o</u> ” {POUCO}

A perspectiva de Ana é mesclada em (p), apresentando a perspectiva nova como situação particular (l.182, 184) e como hábito (l.193), indicando um processo de mudança em sua compreensão sobre a necessidade de uso do planejamento. Assim, identificamos mais uma vez no grupo a produtividade

educacional (Fabrício, 2011).

Assim como no segmento anterior, novamente observamos a ênfase prosódica na fala de Ana destacando sua autoridade de mãe (l.182). Carolina faz uma pergunta do tipo sim/não procurando deslocar a atenção da mãe para a compreensão do filho, visto que no segmento anterior não conseguiu acessar a percepção de Ana em relação às habilidades comunicativas de André (l.186, 187). Mais uma vez, a mãe não demonstra ter uma percepção precisa sobre a qualidade da comunicação com seu filho e não parece problematizar a compreensão linguística ou situacional da criança “a::: aí: °não sei°” (l.188).

Carolina (co)avalia a situação narrada, mostrando alinhamento com a mãe ao assumir que é sim comum as pessoas terem dificuldade em identificar a compreensão das crianças surdas, se referindo a elas de forma geral através do pronome da terceira pessoa do plural “é:: às vezes a gente fica sem saber se eles entenderam” (l.189). Ela ainda explica que a compreensão da duração é mais difícil de ser compreendida<sup>1</sup> “por que é difícil é mais difícil isso né”, buscando gerar inteligibilidade. Para isso, ela retoma a fala da mãe (em l.182), que contém os aspectos relativos ao tempo, através de uma repetição variante em forma de narrativa hipotética mínima (l.190).

Assim como em (g), precisamos mencionar o uso do bimodalismo na narrativa da mediadora, quando constrói uma fala hipotética direcionada da mãe para o filho, na repetição variante da fala de Ana.

190	Carolina	difícil isso né é:: “não vai poder demorar muito vai brincar só um po::uco”= {POUCO}
-----	----------	---

Ana faz uma repetição variante do discurso da mediadora, utilizando apenas a parte final da elocução, que continha um sinal de Libras, destacando a importância dessa língua visual-gestual na comunicação com seu filho (l.191). Ana afirma que costuma utilizar a Libras junto com o português (l.193). Nesta hora, Carolina demonstra ter compreendido Ana através da vogal prolongada “a:::” (l.194) concluindo que se a Libras também foi utilizada pela mãe, ele deve ter entendido o diálogo. Desse modo, a mediadora (co)avalia a narrativa, falando da compreensão da criança, aspecto que não havia sido avaliada por sua mãe.

<sup>1</sup> André não utiliza ainda, e entendemos que ele tampouco compreende, aspectos relativos a ancoragem de tempo no discurso, como advérbios de tempo. Apesar disso, reiteramos a importância de seu uso contextualizado no discurso da mãe, para que com o tempo essas estruturas linguísticas venham a fazer sentido para ele na interação.

Carolina tira conclusões a partir da narrativa de Ana, caracterizando o foco na especialidade e na assimetria de saberes entre profissional e usuário (Sarangi, 2005), embora mitigado pela suposição “deve”.

193	Ana	eu falo “só um pouqui:nhô” {POUCO}
194	Carolina	a::: então ele deve ter entendido

Ana novamente evidencia que vem utilizando como estratégia a modificação do ambiente e das atividades ao invés de tentar se comunicar verbalmente com André. Ela afirma preferir negar a realização da brincadeira nos dias de Ambulatório “dia de segunda e de quarta ↑nem dá pra brincar” (l.195). Aqui, essa mãe apresenta uma versão diferente da exposta momentos antes, na qual havia trazido uma tentativa de explicar ao menino sobre a duração curta da atividade. Ou seja, ela se restringe a proibir a brincadeira, provavelmente devido a dificuldade de interação que seria a explicação sobre a duração curta da atividade (l.197) “não adianta ele tentar brincar e dep- ele ligar e na mesma hora eu des[ligar” e avalia que “é é melhor ↑nem ligar”, possivelmente prevendo a frustração do menino ao utilizar o brinquedo por um período curto de tempo.

Procurando esclarecer que seria bom André ter acesso à informações relativas a sua rotina, a mediadora faz uma orientação explícita sobre a mudança atitude que considera bom Ana implementar junto ao filho “é melhor ele saber justamente [quais são os dias” (l.198). O uso do “é melhor” marca o caráter prescritivo da orientação, tal como demonstra a utilização do “é bom” em (f) e (g). Por outro lado, ao concordar com a mãe “é pois é” a mediadora se alinha a ela, reduzindo a força de prescrição a orientação.

### 6.2.13 Carolina: retomada da orientação sobre o planejamento

A seguir, Carolina sugere que a mãe antecipe um pouco a atividade que será realizada pela criança, enfocando a necessidade de planejamento, mais uma vez.

(q) Sugestão como orientação - “ma::s mas ten- experimenta fazer isso?”

43	Carolina	ma::s mas ten- experimenta fazer isso derrepente falar pra ele no dia anterior
44		que amanhã não vai poder
45	Ana	é humhum
46	Carolina	também pode oferecer pra ele brincar... no dia anterior de noite... um pouquinho
47		no playstation
48	Ana	Humhum
49	Carolina	“você quer brincar agora? porque amanhã não vai poder °amanhã tem marlene°”

50		de repente é de repente era uma boa pra ele já entende:r e não acordar no dia
51		seguinte com aquela vontada::de né
52	Ana	Humhum
53	Carolina	né porque se ele não sabe que no dia seguinte vai ter a marlene ele acorda com a vontade ↑de todo dia né?
54	Ana	É
55	Alva	*sim*
56	Carolina	de repe::nte

A mediadora não demonstra ter percebido que, em (p), a mãe já havia realizado o planejamento, mesmo que não exatamente como ela sugeriu. Assim, ela faz uma sugestão (1.200-201), que funciona como orientação prescritiva, devido a sua insistência para que a mãe planeje junto ao filho. Por outro lado, o uso do “era uma boa” (1.207) e do “de repente” (1.207, 213) reduzem a força ilocucionária de prescrição, enquadrando a orientação como sugestão e possibilidade. Destaco que as próprias respostas de Ana, consistindo apenas de sinais de atenção ao longo desse excerto, indicam a existência do enquadre prescritivo. A mãe apresenta uma participação menos ativa em relação aos momentos em estado de conversa, o que caracteriza o enquadre informativo e de explicações, ou seja, focalizado na especialidade e na assimetria de saberes entre profissional e usuário, como evidencia Sarangi (2005).

A mediadora apresenta uma sugestão alternativa, como orientação, apresentando a antecipação da atividade, comumente realizada na manhã de atendimento no Ambulatório, para a noite anterior à ida ao serviço (1.203), como possibilidade “pode”. A narrativa hipotética mínima “você quer brincar agora? porque amanhã não vai poder °amanhã tem marlene°” (1.206) relaciona os eventos da noite anterior e da manhã seguinte, ilustrando o planejamento.

A explicação, a seguir, ressalta a importância da orientação dada. É interessante que a retomada da perspectiva da criança, mostrando que seus desejos estão relacionados também à suas possibilidades de compreender a rotina “pra ele já entender e não acordar no dia seguinte com aquela vontade” (1.207, 208).

Em seguida Carolina complementa sua mediação com uma pergunta retórica que funciona como uma explicação para esclarecer para a mãe a importância de haver um planejamento conjunto. Ela também valoriza o fato da rotina do menino envolver a brincadeira, quase diariamente, retomando as expectativas da criança “porque se ele não sabe que no dia seguinte vai ter a marlene ele acorda com a vontade ↑de todo dia né?” (1.210).

No excerto a seguir, Ana se posiciona ao retomar sua estratégia de proibir a brincadeira do filho no dia do ambulatório, e tangencia seu planejamento junto a ele.

(r) Avaliação - “mas aí [ele não se preparo]::u”

57	Ana	é mas eu ge- mas eu geralmente eu não deixo. ele ele ligar. eu falo que não *não*
58		“não hoje não. hoje não tem porque já vai pra marlene já”
59	Carolina	ahã
60	Ana	ma- eu sempre falo, mas eu falo no dia
61	Carolina	você fala na hora que tá acontecendo=
62	Ana	=na hora que tá acontecendo=
63	Carolina	=mas aí [ele não se preparo]::u
64	Ana	[porque se ele-- [se ele vai liga:r eu falo “não. não pode”
65	Carolina	humhum
66	Ana	“a gente vai se arrumar pra ir pra marlene (logo logo)” né?
67	Carolina	humhum
68	Ana	aí ele “a:: ta”
69	Carolina	então mas aí ele não tá preparado é sempre uma surpresa né?
70	Ana	é::

Ana começa falando de sua estratégia de proibir a brincadeira do filho no dia do ambulatório (1.214) e termina tangenciando certo planejamento (1.223). Ela utiliza uma narrativa genérica mínima (1.214-215, 221, 223, 225) que apresenta a causalidade (1.215), ou seja, o motivo pelo qual o filho não pode brincar.

Essa mãe demonstra seu esforço por informar André “ma- eu sempre falo, mas eu falo no dia” (1.217), porém, majoritariamente nos momentos em que a informação se torna relevante na interação, e não como planejamento. Carolina faz uma repetição variante do discurso de Ana (1.218), alcançando seu tópico de interesse, ou seja, enfatizando que a informação é dada a André apenas no momento da ação (enfatizando um aspecto negativo da abordagem de Ana), o que é confirmado por Ana por outra repetição (1.219).

Em seguida, a mediadora dá uma explicação que problematiza a impossibilidade de preparação prévia de André “=mas aí [ele não se preparo]::u” (1.220). Mostrar a desvantagem da solução encontrada por Ana constitui uma avaliação, evidenciada pela negativa, que aponta o inconveniente da abordagem.

A mãe, porém, continua demonstrando que sua comunicação com o filho é bastante restrita ao aqui e agora, e afirma que “se ele vai liga:r eu falo “não. não pode”” (1.221). Fica evidenciado que é no momento exato da ação do filho que a mãe intervém de forma a controlar o comportamento mesmo da criança. Ana também evidencia que costuma sim planejar junto ao filho, mas de forma mais imediata “a gente vai se arrumar pra ir pra marlene” (logo logo) né?, (1.223),

assim como foi mostrado em (p). Novamente, a mediadora não demonstra notar que a mãe aborda seu planejamento, mesmo que mais imediato.

Carolina utiliza outra pergunta retórica que funciona como uma explicação, esclarecendo a desvantagem desse tipo de abordagem, no momento do acontecimento, que impede a preparação prévia do menino “então mas aí ele não tá preparado é sempre uma surpresa né?” (1.226).

#### 6.2.14 Carolina: estratégia de significação para construir entendimentos

Ao final do encontro, a mediadora muda sua estratégia e procura aproximar sua argumentação, em prol do planejamento junto a criança, da realidade vivenciada por Ana. Ela utiliza uma estratégia de significação, que pode ser compreendida através de Freire (1987) como uma tentativa de estabelecer como ponto de partida uma situação concreta vivenciada pela pessoa.

(s) Estratégia de significação - ““não hoje não tem ônibus” aí você “pô””

71	Carolina	quando vai poder quando não vai poder é sempre uma surpresa que acontece na hora
72		talvez se você:: é::: imagina assim a gente vai pegar um ônibus... pra vir pra
73		cá, aí você ↑chega no ponto do ônibus “não hoje não tem ônibus” aí você “pô” aí
74		vai no outro dia chega lá tem ônibus. quer dizer você nunca sabe. Talvez esse di-
75		se já avisassem “olha só tem ônibus segunda e quarta... terça e quinta não tem
76		ônibus” você já se prepa::ra né?
77	Ana	é *não sei* ((eleva as sobrancelhas)) [°posso [(tentar) fazer isso°
78		((abrem a porta da sala))

Talvez, focar a situação do ponto de vista da criança não seja tão significativa para a mãe. Desse modo, Carolina explica o porquê da desvantagem da abordagem de Ana (1.228), e ensaia uma nova sugestão (1.229), que parte de uma situação concreta vivenciada por essa mãe.

Assim, a comparação que a mediadora faz com o uso do transporte público (1.229-233) busca favorecer que Ana se coloque no lugar do filho, no que tange a falta de preparação, a surpresa constante da falta de planejamento. A avaliação explícita fala da necessidade de planejamento que a mãe também deve ter (1.233).

A resposta de Ana é sutil, mas sua expressão facial e sua afirmação indicam reflexividade (1.234). A intensidade baixa de voz indica incerteza, o que é compreensível e esperado num processo de conscientização.

### 6.2.15 Carolina: reflexões sobre o uso de Libras e do português oral

Em outro momento da interação, Carolina estabelece o enquadre de reflexões sobre o uso de Libras e do português oral. Ela inicia perguntando a Ana sobre o uso dessas línguas com André.

(t) Conscientização - “ele num num entende muito quando eu falo”

236.	Carolina	você tá usando sempre Libras com ele né?
237.	Ana	é porque geralmente ele num num entende muito quando eu falo=
238.	Carolina	=português né? não entende?
239.	Ana	*não*

Faço uma pergunta de confirmação “você tá usando sempre Libras com ele né?” para me certificar das práticas comunicativas da família (L236). É significativa a conscientização expressa pela mãe em relação à compreensão linguística do filho (l.237), o que não havia sido observado até então na interação com Ana no grupo. Outra pergunta de confirmação é utilizada, para verificar se as informações dadas pela mãe se referiam mesmo à língua oral “=português né? não entende?” (l.238).

Entendo que a participação no grupo favoreceu que essa conscientização se construísse. Se retomarmos a sequência de excertos de (d) a (e), visualizamos um processo de tomada de reflexão da mãe sobre a compreensão em português do filho. No excerto (d) ela constrói apenas um diálogo em Português entre si e o filho, mas após a mediação, no excerto (e) ela já havia explicitado que utilizava as duas línguas concomitantemente.

Naquela ocasião, porém, a mediadora não abordou a questão da bimodalidade, que é enfocada desta vez (l.240).

(u) Informação contextualizada - “ideal mesmo e que é difícil no dia a dia”

240.	Carolina	humhum *sim* é mas você sempre fala o português junto também?
241.	Ana	*sim* falo
242.	Carolina	a gente fala assim espontaneamente [né?
243.	Ana	[*sim* é espontaneamente isso até a gisele
244.		já fal-- “tenta falar <u>mais</u> [(.) <u>sem</u> Libras” né?
245.	Carolina	[humhum humhum é na
246.		verda[de...
247.	Ana	[eu que pego tudo saio falando Libras *misturado*
248.	Carolina	humhum é na verdade assim o o ideal mesmo e que é difícil no dia a dia porque
249.		a criança não entende tudo de português::s e também você não sabe tudo de Libras
250.		mas o ideal é separar mesmo né=
251.	Ana	=é=
252.	Carolina	=(assim) num momento falar português e num outro momento falar Libras...

A fonoaudióloga pergunta se a língua oral sempre acompanha o uso da Libras (1.240) e após a confirmação da mãe (1.241) a mediadora justifica essa prática comunicativa bimodal como algo que ocorre espontaneamente, se alinhando à mãe nessa condição de comunicadora (1.242), através de uma pergunta retórica gera reflexão sobre o bimodalismo. A mãe mostra que já foi orientada pela equipe do ambulatório sobre a situação ideal, que seria usar o português separadamente da Libras (1.243, 244), e expressa a comunicação bimodal como sendo uma responsabilidade sua “eu que pego tudo saio falando Libras” (1.247). A mesma mãe que se constrói como dedicada e capaz, neste momento reconhece uma dificuldade na interação com seu filho.

Carolina (co)avalia explicitando a dificuldade de se comunicar apenas com uma língua de cada vez no contexto da família (1.248, 249) “é difícil no dia a dia”, reconhecendo as dificuldades da criança surda “a criança não entende tudo de português” e as dificuldades das pessoas ouvintes que interagem com ela “você não sabe tudo de Libras” (1.249), se alinhando à mãe por ratificar a dificuldade da situação. Ao mesmo tempo, a mediadora orienta sobre a importância de separar as línguas, mostrando adesão à orientação da profissional do ambulatório “mas o ideal mesmo é separar mesmo né?” (1.250) através de uma pergunta retórica e de uma explicação para gerar inteligibilidade “=(assim) num momento falar português e num outro momento falar Libras...” (1.252).

Apesar de reconhecer as dificuldades inerentes à comunicação, a mediadora reafirma que a orientação da profissional estava correta (1.250, 252), afirmando que o ideal é separar as duas línguas e se alinhando à profissional. Assim, a confiança na equipe de saúde é reforçada na interação.

A seguir, a mediadora buscará evidenciar a dificuldade das mães que precisam selecionar a língua a ser usada na interação. Reconhecendo a dificuldade, Carolina se aproxima das mães e cria identificação com elas. Nesse excerto, ela envolve outra mãe na interação, embora fale de uma realidade que não é a dela, contrapondo as realidades diversas e criando um senso de grupo.

(v) Reconhecimento da dificuldade – “te faltam palavras né?”

253.	Carolina	a vera num num aprende Libras né?
254.	Alva	*não*
255.	Carolina	então você não tem essa:: não tem essa <u>questão</u> né?
256.	Alva	*não* não
257.	Carolina	quer dizer é é difícil <u>muito</u> difícil pra separar porque você quer falar alguma
258.		coisa em língua de sinais aí você- te faltam palavras né? em Libras.

259.	áí você <u>usa</u> o português. ele ao mesmo tempo não entende o português
260.	áí você tem que colocar Libras no meio né? ((olha para Ana))

Carolina faz uma pergunta retorica para Alva, mãe de uma criança surda moderada, que sabidamente não usa Libras (1.253), marcando assim a diferença de realidades interacionais. Após, faz outra pergunta retórica sobre a ausência dessa questão na vida de Alva (1.255), focalizando o bilinguismo.

A mediadora evidencia a necessidade de reflexão do grupo inteiro, mesmo que nem todos enfrentem a dificuldade decorrente do bilinguismo, ao selecionar uma participante cuja filha não fala Libras para refletir sobre a questão do bilinguismo. Desse modo, Carolina produz um senso de pertencimento, com a escuta do outro e do que diz respeito ao outro, como seus saberes e vivências diferenciados. Ainda, um senso de confiabilidade mútua no grupo, parceria, também é produzido, características que indicam a presença de produtividade (inter)subjativa (Fabrício, 2011).

Carolina constrói uma narrativa hipotética mínima na qual uma sequência hipotética de ações explica o porquê de uma cena bilíngue ser difícil. Inicialmente a mediadora focaliza a dificuldade em sua avaliação explícita (1.257). Depois, tematiza o desejo e a dificuldade da mãe em se comunicar em Libras “você quer falar alguma coisa em língua de sinais” “áí você- te faltam palavras né? em Libras” (1.258, 259), seguidas da solução encontrada pela mãe para seguir a interação “áí você usa o português.” (1.259).

Ela ainda focaliza as dificuldades da criança em português, que dificultam o desenvolvimento de uma comunicação monolíngue efetiva “ele ao mesmo tempo não entende o português” (1.259). Por fim, ela conclui a sequência de ações com a cena bimodal evitada pelos profissionais, mas bastante comum no cotidiano dessas mães “áí você tem que colocar Libras no meio né?” (1.260). Desse modo, Carolina justifica a dificuldade da mãe em separar as línguas na interação com o filho e se alinha com ela demonstrando compreender a situação. Nesse momento, pela primeira vez uma narrativa é construída pela mediadora sem a função de ilustrar orientações, mas buscando explicar uma questão para a mãe e demonstrar alinhamento a ela.

É importante nos questionarmos em que medida Carolina controla, conscientemente, o fluxo de tópico, visto que ela tem propósitos intencionais em sua prática de mediação no grupo. Certamente, o fato de a mediadora ser analista

do discurso, apresentar certa experiência como mediadora e estar intencionalmente orientando o tópico discursivo para a comunicação fala a favor de um controle consciente. Veremos, porém, que no próximo item de análise o controle do fluxo de tópico por parte da mediadora é menos evidente na interação no grupo.

### **7.3 Narrativas de Glória e coconstrução da mediadora**

Nesta seção, analisaremos a interação entre a mediadora e Glória. Glória é mãe de Danilo, que, durante a geração dos dados, era um rapaz de dezesseis anos. Ele mora com a mãe, o pai e o irmão, dois anos mais velho, todos ouvintes. Frequenta escola pública regular com intérprete e sala de recursos para reforço em Libras, cursando o 9º ano (8ª série), sem queixas de escolaridade, apesar de apresentar como queixa dificuldades de leitura e escrita. Apresenta um desenvolvimento linguístico avançado em Português, que possibilita comunicação na modalidade oral do discurso a maior parte do tempo na interação com ouvintes, utilizando a Libras em alguns momentos como facilitadora. Sua articulação é por vezes imprecisa, dificultando a inteligibilidade de fala, mas pessoas que convivem com ele podem compreender sua fala sem grandes dificuldades.

Glória, sempre muito presente e disponível para as solicitações da equipe, acompanha Danilo aos atendimentos no Ambulatório desde que ele tem dois anos e meio. Estando sempre bem-humorada e comunicativa, essa mãe é também bastante participativa. Tem sempre novidades para contar sobre o cotidiano do filho e da família e procura estimular sua interação com outros adolescentes em atendimento no Ambulatório. Muitas vezes incentiva a comunicação do filho também com crianças, responsáveis e profissionais do Ambulatório, embora nem sempre ele demonstre muito interesse em tais interações. Por vezes Glória interrompe os turnos de Danilo e procura guiar os temas na fala-em-interação, assumindo o papel de cuidadora com grande proteção, passando a impressão de o filho ser ainda dependente dela.

#### **7.3.1 Narrativa de Glória: a apresentação de Danilo**

A mãe inicia o enquadre de apresentação do filho fazendo um relato (1.4),

em resposta ao meu pedido (l.3). Anteriormente essa mãe havia se apresentado espontaneamente, mas apenas dizendo seu nome e o do filho (l.1).

**(a) Narrativa 1 – “tá um homem né?”**

1.	Glória	meu nome é gra::ça mãe do danilo ((aponta para a Alva))
2.	Alva	[meu nome é Alva-
3.	Carolina	[fala um pouqui:nho- fala um pouquinho pra gente saber quem o dani é
4.	Glória	bom:: o danilo hoje tá com: dezesseis né?
5.	Carolina	humhum
6.	Glória	começou com:: com a: marta com dois anos e meio
7.	Carolina	*sim*
8.	Glória	tá até hoje aqui né? [é filho (é neto) da marta
9.	Carolina	[hhh é
10.	Glória	e você↑ [conheceu o dani te:[:m
11.	Carolina	[també:m [tem muito tempo
12.	Glória	ele era muito levado muito teimoso hoje tá um um homem né?
13.	Carolina	tá um rapaz né

Glória constrói o filho como sendo atualmente um homem, comentando a dificuldade de comportamento vivenciada anteriormente (l.12). Desse modo, a mãe destaca a evolução de Danilo ao longo do tempo que frequentou o Ambulatório (l.4, 6). Contrapor a situação do filho antes e depois (l.12) funciona como uma avaliação dessa narrativa, que apesar de não ser explícita aparece encaixada através do uso da comparação (Labov, 1972).

Vemos que a mediadora assume o alinhamento de escuta, alternando para o de busca por envolvimento. Ela muda para o alinhamento de solicitar à mãe um relato “fala um pouquinho pra gente saber quem o dani é” (l.3), que demonstra a valorização da experiência dessa mãe junto a seu filho e interesse na história do adolescente contada pela perspectiva da mãe. O fato de Carolina já conhecer Danilo há tempos, como evidencia a fala da mãe seguida pela fala da mediadora em (l.10, 11), indica que o relato foi solicitado à mãe para que as necessidades dela, enquanto familiar, fossem trazidas para o encontro.

Glória	e você↑ [conheceu o dani te:[:m
Carolina	[també:m [tem muito tempo

Além de utilizar sinais de atenção (l.5, 7, 9), que ajudam o narrador a ampliar a história e fornecer mais detalhes contextuais (Clark e Mishler, 2001), Carolina coconstrói a contextualização dos eventos evidenciando conhecimento compartilhado sobre Danilo (l.11, 13). Ela faz isso através de repetições variantes, concordando com a mãe e se alinhando a ela nessa visão sobre o rapaz.

### 7.3.2 A comunicação em Libras e em Português oral na família de Glória

Aqui, se evidencia o alinhamento de confiança e conforto existente entre a profissional e a família do adolescente. Vemos que a construção do vínculo e da consistência da relação é trazida para a interação, evidenciando assim sua relevância para a mãe.

#### (b) Narrativa 2 - “a comunicação em casa ↑é boa”

3.	Glória	aí tá na oitava série né? m:: a comunicação em casa ↑é boa é: ele tá bem né?
4.		eu sei um pouquinho de Libras o:: o pai sabe um pouquinho... o irmã:o
5.		↑a gente tenta:: sempre se comunica:r e fala bastante né?
6.		porque ele sempre tem os erro né?
7.	Carolina	*sim*
8.	Glória	hhh tá sempre: tem que tá sempre:: é::: corrigindo
9.	Carolina	Humhum
10.	Glória	mas ele tá ↑bem=

Essa pequena narrativa, que abrange todos os familiares, vem no enquadre da comunicação familiar. A interação familiar é inicialmente apresentada como satisfatória por Glória, na medida em que ela adjetiva a comunicação como “boa” (l.14), sendo favorecida pelo conhecimento básico de Libras de toda a família (l.15), pelo destacado empenho comunicativo (l.16) e até mesmo pelo comportamento normativo (l.19) dos familiares.

É interessante notar a presença do diminutivo, usado pela mãe para caracterizar o conhecimento de Libras da família (l.15). A repetição, existente no paralelismo sintático das frases que se referem a ela, ao marido e ao outro filho, respectivamente, dão a sensação de uma complementariedade de saberes. É como se o saber “um pouquinho” de todos juntos minimizasse o “pouco saber” de cada um. A repetição é um recurso de avaliação encaixada (Labov, 1972) utilizado em narrativas que gera ênfase no discurso (Tannen, 1989).

Outra avaliação encaixada, porém, marcada pelo verbo tenta, “a gente tenta:: sempre se comunica:r e fala bastante né?” (l.16), indica que a comunicação apresenta bloqueios, embora tais dificuldades não sejam diretamente mencionadas na narrativa construída por Glória. Ou seja, a avaliação explícita presente no resumo inicial “a comunicação em casa ↑é boa” (l.14) indica êxito na comunicação, embora alguma dificuldade seja evidenciada no corpo dessa narrativa genérica. Vemos que a ação recorrente “↑a gente tenta:: sempre se

comunica:r e fala bastante né?” (1.16) é depois justificada (avaliação encaixada através de explicação) pela ação complicadora gerada pela dificuldade de Danilo “porque ele sempre tem os erro né?” (1.17) que gera uma resolução familiar para o conflito “tem que tá sempre:: é::: corrigindo” (1.19).

O bem-estar atual de Danilo é construído pela mãe, através do uso duplo do advérbio de modo “bem”, que aparece no resumo “ele tá bem né?” (1.14) e em seguida também na coda “mas ele tá ↑bem” (1.21). Nota-se o uso do advérbio adversativo “mas”, que expõe uma conotação de bem-estar relativo. Além disso, o uso do verbo “estar”, que se contrapõe a utilização do verbo “ser” utilizado anteriormente para se referir à comunicação familiar reforça a avaliação encaixada anterior que comparava seu estado anterior com o atual (1.12). Ou seja, a qualidade de vida é produzida através da comparação com o passado e de uma relativização das dificuldades percebidas.

Essa narrativa genérica, que indica hábito, promove uma família eficiente e incansável, que “tenta:: sempre” “tá sempre: tem que tá sempre:: é::: corrigindo” (1.16, 19). É notável que, embora a mãe procure enfatizar a comunicação em Libras e o esforço da família para tal, dificuldades comunicativas são destacadas na fala de Danilo (1.17), deixando emergir a comunicação em Língua Oral, afinal apenas em Português faria sentido os familiares o corrigirem (1.19), visto que eles têm maior proficiência que Danilo nessa língua.

Deste modo, apenas erros de português do filho parecem ser enfocados pela mãe como responsáveis por dificuldades comunicativas, embora não sejam compreendidas como perturbadoras de sua qualidade de vida do rapaz (1.21). Já o pouco conhecimento de Língua de Sinais da família não parece produzir nenhuma atitude normativa por parte de Danilo, embora ele seja mais proficiente nessa língua que seus familiares. Além disso, um maior conhecimento de Libras pela família não aparece sendo cobrado por Danilo, nem mesmo é focalizado como objeto de desejo da mãe. Aqui a mediadora se limita a fornecer sinais de atenção (1.18, 20), que ajudam o narrador a ampliar a estória (Clark e Mishler, 2001).

### **7.3.3 Carolina: reflexões sobre a comunicação na família de Glória**

A seguir, veremos que Carolina busca negociar o tópico, marcando a

informação relevante através de uma pergunta sobre a comunicação e tenta encaminhar o discurso dos participantes para o tema de interesse do grupo.

**(c) Retomada da narrativa 2 - questionamento**

11.	Carolina	=mas não tem nenhum momento assim que você tenha dificuldade de
12.		comunicação com [ele?
13.	Glória	[com ele agora agora não=
14.	Carolina	=não?=-
15.	Glória	=mas já tive bastante

A mediadora do grupo busca questionar dificuldades comunicativas que possam existir entre Glória e Danilo (1.22), fazendo uma pergunta do tipo sim x não que enfoca a comunicação, tema de interesse do grupo. A mãe não demonstra estar consciente das dificuldades decorrentes de seu domínio básico da Libras e das dificuldades com a língua oral de Danilo (1.24), negando expressamente a existência de bloqueios comunicativos ou mal entendidos na interação com ele.

Vemos que a mediadora utiliza uma pergunta retórica (1.25), buscando solicitar maior elaboração do interlocutor, já que nota a não consciência da mãe sobre as dificuldades. A pergunta gera uma avaliação da mãe, através de uma comparação com as dificuldades existentes no passado. Glória pode estar mais uma vez buscando enfatizar a evolução do filho, remetendo-se a dificuldades anteriores (1.26) e destacando as habilidades atuais. O destaque feito pela mãe das habilidades atuais do filho é muito interessante e evidencia também uma valorização das possibilidades comunicativas de Danilo por parte dela.

**(d) Comparação - “você conversa igual com seu outro filho?”**

16.	Carolina	você consegue conversar com ele [assim qualquer assunto você conversa
17.		igual com seu outro filho?
18.	Glória	[consigo (é: sempre)
19.	Carolina	você tem outro filho né?=-
20.	Glória	=tenho outro filho

Carolina continua tentando problematizar a comunicação entre Glória e seu filho surdo. Agora, utiliza como estratégia a comparação da comunicação da mãe com Danilo e com seu outro filho, através de uma pergunta sim x não (1.27). A ideia é promover a reflexão da mãe sobre a qualidade da interação com seu filho surdo, a partir da percepção de semelhanças e diferenças em relação a sua comunicação com seu filho ouvinte, de idade próxima.

A pergunta da mediadora focaliza a temática das conversas (1.27), talvez por isso Glória considere que a qualidade da interação é a mesma (1.29), já que os

assuntos abordados com seus dois filhos segundo ela são os mesmos, como será visto no próximo excerto, e englobam temas polêmicos e complexos.

**(e) Narrativa 3 - “ele até já me perguntou como ele nasceu”**

21.	Glória	porque eu sempre falo de <u>droga</u> de: de::: sexo hh de: eu não escondo nada né?= =ahã
22.	Carolina	
23.	Glória	ele até já me perguntou como que ele nasceu já::: já <u>expliquei</u>
24.		porque não adianta falar que- foi a:[::: a cegonha por que isso não existe né?= [cegonha =é
25.	Carolina	
26.	Glória	então a gente tem que falar a <u>verdade</u> [não- nada de esconder porque na rua ele [↑vai aprender né? o errado. então tem que aprender ↑tudo em casa, não é esperar a escola nem a fono falar o que que vai acontecer no dia a [dia tem que ser- começar a aprender em casa= [*sim* é:: =é isso aí
27.		
28.		
29.		
30.	Carolina	

A narrativa genérica mínima, caracterizada pelo advérbio de tempo “sempre” e pelos verbos no presente “falo” “escondo” (1.32), constitui o resumo da narrativa específica mínima que vem a seguir “ele até já me perguntou como que ele nasceu já::: já expliquei” (1.34), que carrega as marcas de passado nos verbos e exemplifica sua afirmação anterior, corroborando com seu ponto.

Tanto a narrativa genérica quanto a específica focalizam a disponibilidade de Glória “eu sempre falo... eu não escondo nada” (1.32) “já expliquei” (1.34). As narrativas a caracterizam como uma mãe comunicativa e disposta a discutir sexualidade e uso de drogas. Danilo, por sua vez, é caracterizado como um rapaz questionador de temas relacionados à sexualidade apenas na narrativa do fato específico, que exemplifica a vivência genérica anteriormente citada “ele até já me perguntou”.

Glória havia afirmado antes que falava sobre diversos temas polêmicos com os filhos, e agora ela destaca a capacidade do filho em questionar, novamente focalizando sua disponibilidade em ofertar explicações sobre os assuntos do interesse dele. Porém, Glória não se questiona sobre a profundidade da troca comunicativa com Danilo, apenas evidencia o próprio empenho em informar ambos os filhos, sem problematizar a compreensão do filho surdo sobre os temas abordados.

Glória	eu sempre falo... eu não escondo nada	já <u>expliquei</u>
Danilo		ele até já me perguntou como que ele nasceu

Há uma avaliação encaixada através de comparação “eu não escondo nada né?” (1.32), pois através do uso da negativa a mãe confronta um comportamento avaliado como negativo, com o seu comportamento, avaliado como positivo. Essa

pequena narrativa pessoal é seguida também de explicações, que novamente a avaliam, reforçando a construção identitária da mãe, que constitui o ponto dessa narrativa.

Glória	porque não adianta falar que- foi a:[::: a cegonha por que isso não existe né?
Glória	então a gente tem que falar a verdade [não- nada de esconder porque na rua ele
	[↑vai aprender né? o errado. então tem que aprender ↑tudo em casa,
	não é esperar a escola nem a fono falar o que que vai acontecer no dia a [dia tem
	que ser- começar a aprender em casa=

Essas avaliações mostram a compreensão da mãe do papel mediador da família em relação ao desenvolvimento dos filhos. Nesse momento Glória evidencia seu comprometimento com o desenvolvimento adequado de seu filho e sua agência, ao afirmar que não se pode esperar que as instituições eduquem seu filho, demonstrando consciência sobre seu papel orientador de mãe.

Por outro lado, focalizando apenas sua oferta de informações, de certa forma essa mãe indica que possíveis problemas de compreensão que Danilo possa ter estão relacionadas à dificuldades dele e não a uma comunicação insuficiente ou ao “pouquinho” conhecimento de Libras da família.

Carolina utiliza só sinais de atenção (1.33), coconstrói a contextualização dos eventos (1.36), e concorda (1.36 e 41) com Glória. Assim, ela está favorecendo que a mãe amplie a estória e se alinhando a esta mãe, respectivamente.

### 7.3.4 Glória: mãe cuidadora e protetora que projeta independência do filho

A seguir, Glória retoma o enquadre anterior e continua destacando sua dedicação e as habilidades do filho. Sua narrativa sugere seu desejo em acompanhar Danilo, apesar de suas habilidades para sair sozinho destacadas.

#### (f) Narrativa 4 - “eu não deixo pra cá”

31.	Glória	então a gente va:i vai sozinho pra escola, volta,
32.		↑eu não deixo pra cá ↑porque:: eu tô em casa então não há necessidade né?
33.	Carolina	você pode vir junto né?=-
34.	Glória	=posso vir junto. mas pra escola ele vai e volta sozinho
35.	Carolina	tá:: e ele vai a pé não?=-
36.	Glória	=↑não vai de ônibus ônibus, chega: sempre no horário certo quando falta
37.		professor, ele vai pra ca:sa

Nesse momento, com uma narrativa genérica, Glória paralelamente destaca a capacidade (1.42, 45) e responsabilidade do filho (1.47-48) e sua dedicação como mãe (1.43, 45). Nesse sentido, vemos que o enquadre de construção identitária se

mantém.

A mediadora faz uma pergunta de confirmação (1.44) para compreender melhor o ponto da mãe e os eventos narrados. Em seguida, busca diferenciar o grau de dificuldade entre a ida para a escola e para a terapia, questionando através de uma pergunta de esclarecimento a necessidade de utilizar o transporte coletivo (1.46), buscando se certificar de sua compreensão dos eventos. Porém, a mãe nega essa diferença (1.47), ou seja, o que justifica a ida do adolescente para a escola sozinho é a impossibilidade de sua mãe acompanhá-lo.

Relacionando isso à afirmação anterior da mãe em **(a)** “hoje tá um um homem né?” podemos perceber a fluidez das identidades construídas através do discurso. O “homem”, instituído anteriormente através da comparação feita pela mãe com seu comportamento anterior “ele era muito levado muito teimoso”, é agora parcialmente desconstruído mediante a imposição de companhia da mãe, que hora deixa, hora não deixa, como narrado em primeira pessoa “↑eu não deixo” (1.42).

O fato de a liberdade ser alcançada ou cedida progressivamente é uma característica do processo de entrada na vida adulta, além disso, aos 16 anos muitos rapazes ainda andam acompanhados dos responsáveis. Mas, eu gostaria de chamar atenção do leitor sobre o fato dessa narrativa não evidenciar a agência ou a negociação por liberdade do rapaz, características que são comuns em adolescentes, embora seja notável a produção de um Danilo responsável (1.47) através do discurso de Glória. Mais uma vez, essa mãe procura valorizar as habilidades do filho.

A seguir, será possível notar o vínculo existente entre essa mãe e o serviço de saúde, demonstrado pela pequena narrativa de projeção (Georgakopoulou, 2006) construída por ela.

**(g) Narrando projetos - “vocês tão aí presente, é tia, avó, mãe”**

49.	Glória	agora esse ano ↑ele ele sai
50.	Carolina	sai?
51.	Glória	a marcia vai dar alta pra ele
52.	Carolina	humhum a: é eu tô [sabendo
53.	Glória	[é uma alta assim caso nós precisa:ndo claro que eu espero que não né?
54.	Carolina	*sim* nós estamos aqui: *sim*
55.	Glória	é vocês tão aí presente, é tia, avó, mãe hh [e tu:do <u>pra ajudar</u> mas ela falou que esse ano ele:: °ela vai dar alta° pra ↑ele

Através dessa narrativa de projeção (Georgakopoulou, 2006:246), que

constrói possibilidades futuras e revela projetos, essa mãe evidencia a confiança construída ao longo dos anos com a equipe do Ambulatório. Demonstra-se aqui a produção do cuidado no serviço. Cuidado esse que envolve práticas de saúde pautadas na integralidade da atenção à saúde como o acolhimento, as relações de responsabilidade, a autonomia dos sujeitos envolvidos, a atenção às necessidades de saúde, o compromisso (Merhy, 2002 apud Martineli, 2008).

Entendemos como indicador de êxito da equipe no campo das tecnologias leves, relacionadas à produção de vínculo na abordagem assistencial (Franco e Merhy, 1999 apud Rodrigues e Araújo, s/d), a caracterização da equipe construída no discurso da mãe “é tia, avó, mãe hh” (1.55).

Ao mesmo tempo, porém, a mãe demonstra a dependência do profissional de saúde em relação a capacidade de determinação do momento de alta, ou seja, do momento em que o filho não precisa mais dos serviços prestados pelo Ambulatório (1.51, 55). Por outro lado, Glória mais uma vez revela agência, ao afirmar que caso precise irá contar novamente com a ajuda dos profissionais com os quais criou vínculo (1.53, 55). A mediadora inicialmente não relaciona a fala da mãe com a alta prevista para o rapaz, e faz uma pergunta de esclarecimento (1.50). Mas depois da afirmação da mãe sobre a alta, Carolina faz um comentário que demonstra seu conhecimento da história de vida da criança, evidenciando ter conhecimento compartilhado sobre a alta, gerando confiabilidade.

Além da agência, a mãe também exprime aqui seu desejo de não precisar mais do serviço de saúde “é uma alta assim caso nós precisa:ndo claro que eu espero que não né?” (1.53), indicando uma aceitação da alta prevista para o filho, que mostra alinhamento à decisão da profissional, e um projeto de vida independente para ele, que reafirma o enquadre de construção identitária que busca valorizar as habilidades do filho.

A resposta da profissional é uma afirmação que demonstra alinhamento e evidencia que as necessidades sentidas pelos usuários e suas famílias são consideradas legítimas e prioritárias pela equipe “\*sim\* nós estamos aqui: \*sim\*” (1.54). Assim, a mediadora reforça a relação de confiabilidade e favorece que a alta seja encarada como uma “construção negociada afetivamente” (Merhy et. al., 2010:12), buscando fortalecer e fazer valer a autonomia dos usuários e familiares. A mãe faz uma repetição variante da fala da mediadora “vocês tão aí presente” (1.55) que reafirma sua confiança na equipe e o vínculo.

### **7.3.5 Narrativas de Glória: múltiplos significados entre ser mãe e sua relação com a ordem social**

Nessa pesquisa, assumimos que diversos objetivos interacionais podem ser alcançados ao se narrar num grupo. Podemos gerenciar sentidos e identidades emergentes nas performances narrativas, estabelecendo coerência às experiências vivenciadas; criando versões diferenciadas da realidade; atuando, reformulando e reavaliando relações, papéis e identidades (Hsieh, 2004). Ao narrar podemos explorar e questionar os eventos, mantendo sua compreensibilidade e sua coerência abertos a questionamentos (Bauman, 1986). As funções pragmáticas das narrativas, seus pontos, ou seja, o porquê de serem construídas podem ser interpretados através da análise da interação.

A narrativa analisada a seguir é longa (1.69-119) e, portanto, sua análise foi dividida nos itens **(h, i, j)**, de acordo com as funções interacionais identificadas ao longo de sua construção. Veremos que, com sua fala, Glória constrói sentidos em relação si mesma enquanto mãe, em relação a seu filho enquanto surdo e em relação ao mundo, e ainda focaliza sua compreensão sobre a ordem social que a cerca (Bastos, 2005:75). Também veremos a mediadora realizar contrastes entre seus entendimentos enquanto interlocutora e os da narradora, coconstruindo a narrativa através de perguntas e comentários (Norrick, 2000).

#### **7.3.5.1 Glória em seu papel de mãe na comunicação com o filho**

Nas narrativas anteriores, a interação era construída, ora em Língua de Sinais ora em Língua Oral, sem bloqueios comunicativos e com possibilidades plenas para discutir assuntos como a sexualidade (narrativas 2 e 3, respectivamente). Apesar disso, com esta narrativa, Glória evidencia a importância da linguagem imagética para a compreensão de Danilo (1.83), ressaltando o papel do desenho nesse processo, e também revela a importância da interação do filho com a profissional surda fluente em Libras. O pedido da mãe poderia ter sido pelo empréstimo do livro, para que ela mesma o mostrasse a seu filho. Contrariamente, apesar da profissional não ser mais responsável por nenhum tipo de assistência à Danilo, o pedido da mãe foi para que a Marlene conversasse com ele e lhe mostrasse o livro (1.77).

**(h) Pedindo ajuda - “aí eu pedi pra ela conversar com o Danilo”**

69.	Glória	[...] segunda-feira é:: veio pouca gente então a marlene tava de boqueira
70.	Carolina	é:::
71.	Glória	ela tá com um livro ó:::timo=
72.	Carolina	=a é?= [...]
73.	Glória	tu já-- você já viu aquele [livro
74.	Carolina	[qual?= =das doe::nças *( )*
75.	Glória	a::[:::]
77.	Glória	[de mulhe::r de-- aí eu pedi pra ela conversar <u>com</u> o <u>dani</u> [lo, <u>mostrar</u>
78.	Carolina	[*sim* *sim*
79.	Glória	porque eu converso muito com ele e ele não vê né? mas aí ela falou que a::
80.		a:: como é o nome daquela da:: {ELAINE ELAINE} aquela da educação física?
81.	Carolina	Elaine
82.	Glória	ELAINE. que ela tinha explica::do tu::do assim mas eu falei vam- “marlene ó
83.		é bom porque ele tá vendo o dese::nho como é que fi::ca”
84.	Carolina	[ótimo é ótimo ótimo
85.	Glória	aí ela explico::u ele ele “.hhh *tira daqui*” ficou meio assi::m. por que é:: ho--
86.		[é horrível
87.	Carolina	[é fe::io demais. é:: e:: eu vi também esse livro é:: [(impressionante)
88.	Glória	[tá ali o pê::nis tá todo
89.		perfurado de doença

Ao analisar as performances narrativas evidenciamos sua relação com a construção identitária (Bauman, 1986; Hsieh, 2004). A 1ª função comunicativa dessa narrativa parece ser, novamente, edificar uma mãe esforçada na comunicação com seu filho e comprometida com sua orientação “porque eu converso muito com ele” (1.79). Glória constrói nessa interação uma identidade de mãe dedicada, que utiliza seu tempo para conversar “muito” com o filho. Porém, a carência de uma comunicação visual é também focalizada nessa narrativa “ele não vê né?”, o que vem justificar a solicitação feita à profissional do Ambulatório, o pedido de ajuda. Desse modo, o enquadre de construção identitária novamente se estabelece na interação.

Outro aspecto presente nessa narrativa é, novamente, a agência da mãe, que se manifesta tanto através da solicitação da ajuda da profissional “aí eu pedi pra ela conversar com o Danilo, mostrar” (1.77) quanto pela insistência no pedido “mas eu falei vam- “marlene ó é bom porque ele tá vendo o dese::nho como é que fi::ca”. Vemos que a mãe constrói certa resistência inicial da profissional em acatar seu pedido, com base numa suposta repetição de conteúdos “mas aí ela falou que a:::” “ELAINE. que ela tinha explica::do tu::do” (1.79, 82).

Aqui, percebemos evidências de autogovernamento, como podem ser consideradas as demonstrações de agência de Glória, indicando presença de

produtividade (inter)subjetiva (Fabrício, 2011). Vemos que a iniciativa de pedido de ajuda de Glória é respeitada pela profissional, que acolhe a demanda dessa mãe em relação às necessidades do filho, respeitando a autonomia da família (Merhy et. al., 2010:12).

Inicialmente, a mediadora assume o alinhamento de escuta e se limita a dar sinais de atenção (1.70, 72, 76, 78), ou muda de alinhamento ao fazer uma pergunta de esclarecimento para entender melhor os eventos narrados (1.74). Ao longo da interação, vemos que Carolina coconstrói a contextualização dos eventos, no momento em que a mãe esquece o nome da profissional de educação física, da qual se lembra apenas o sinal em Libras (1.81). Assim, a mediadora favorece que a mãe amplie a estória e demonstra pertencimento ao ambulatório e conhecimento de sua história. Finalmente, Carolina (co)avalia sua narrativa, avaliando positivamente a iniciativa demonstrada pela mãe (1.84), ratificando a importância da atitude da mãe ser trazida ao grupo e demonstrando alinhamento.

Glória	aí ela explico::u ele ele “.hhh *tira daqui*” ficou meio assi::m. por que é:: ho--
	é horrível
Carolina	é fe::io demais. é:: e:: eu vi também esse livro é:: [(impressionante)
Glória	[tá ali o pê::nis tá todo
	perfurado de doença

Glória inclui a explicação da profissional surda em sua narrativa “aí ela explico::u” e marca o papel da linguagem imagética para a compreensão do filho, ao destacar sua reação de incômodo ao ver a imagem “ele ele “.hhh \*tira daqui\*” ficou meio assi::m” (1.85). Ao explicar a razão do incômodo do filho, a mãe evidencia que também ficou impactada com a imagem “é:: ho-- horrível”, o que mostra que a linguagem imagética é importante para ela também.

A mediadora faz uma (co)avaliação “é feio demais... (impressionante)” (1.87), que funciona como do impacto de ver a imagem do livro. Assim, destaca-se a relevância da imagem para a compreensão das pessoas de forma geral, independente de serem surdas. O papel da imagem ainda é reforçado pela fala seguinte da mãe “tá ali”, quer dizer, se a pessoa vê que “o pênis tá todo perfurado” (1.88), essa pessoa realmente não tem dúvidas da existência da doença.

Por outro lado, veremos a seguir que a mãe constrói uma compreensão limitada dos surdos, ao menos em alguns temas, se a interação se der apenas verbalmente, seja em Libras ou Português.

### 7.3.5.2 Glória e sua compreensão da surdez: uso de Libras ou do Português oral

Ao analisar as performances narrativas evidenciamos o processo de negociação e construção de significados (Norrik, 2000; Garcez, 2001). O fato de Glória construir uma limitação para os surdos aponta para uma tentativa de normalizar sua comunicação não-plena com seu filho, através da caracterização da comunicação com surdos como algo dependente de recursos não-verbais.

#### (i) “↑entende ma::s fica meio que aqui assi::m”

90.	Glória	porque você vai conversando, sem mostrar... o desenho... pra e:les eles
91.		geralmente nu:::::m (3) num:: (2)
92.	Carolina	não <u>visualisam</u> [né?
93.	Glória	[né? ↑entende ma::s fica meio que aqui assi::m se
94.		perguntando né?
95.	Carolina	fica muito <u>distante</u> também
96.	Glória	é::: i::sso
97.	Carolina	uma coisa que “a:: tá fala:[ndo que tem mas tã-- não é tão assi::m não é tão ruim
98.		[assim”
99.	Fábia	[*sim* *sim*
100.	Glória	[é
101.	Fábia	[*sim*
102.	Carolina	mas quando você <u>vê</u> a foto

É curioso que a mãe avalie a situação através de uma generalização relacionada aos surdos “e:les”, ao invés de avaliar a vivência do filho, apesar da narrativa ser canônica, se referindo a um acontecimento específico. A explicação da mãe funciona como uma avaliação da comunicação com surdos, marcando a importância de uso da linguagem imagética para “eles” (1.90, 91). O pronome “eles” se refere aos surdos de forma geral, obtendo assim um efeito de afastamento do caso particular de seu filho.

Entendemos, com base em Sacks (1984), que através das narrativas significamos nossas experiências, transformando acontecimentos extraordinários de nossas vidas em comuns e compreensíveis, apresentando-os como experiências normais. O 2º ponto dessa narrativa parece ter a função interacional de normalizar a experiência, minimizando as dificuldades comunicativas entre mãe e filho ao naturalizar a dificuldade comunicativa como algo inerente à surdez e não decorrente da interação em língua oral ou com interlocutores não fluentes na língua de sinais.

Neste momento, vemos que a mediadora assume um alinhamento de contraste entre seus entendimentos e os da narradora, coconstruindo a narrativa

através de perguntas e comentários (Norrick, 2000). A pergunta de confirmação de Carolina “não visualizam né?” (1.92), complementa a fala de Glória após sua hesitação, favorecendo a continuação da avaliação “entende ma::s fica meio que aqui assi::m se perguntando” (1.93, 94). Desse modo, a mediadora do grupo se alinha parcialmente à mãe concordando com o papel da imagem na comunicação para os surdos, se referindo a “eles” por flexionar o verbo na terceira pessoa do plural.

Por outro lado, a mediadora enfatiza a dificuldade de alcançar uma real dimensão compreensiva de alguns temas apenas através da linguagem verbal, sem se referir aos surdos. Uma narrativa genérica mínima vem exemplificar a descrença relacionada a orientações puramente verbais “fica muito distante também” (1.95) “a:: tá fala:ndo que tem mas... não é tão ruim assim” (1.97, 98) em oposição ao impacto causado pelo recurso imagético “mas quando você vê a foto” (1.102). A ênfase conferida ao verbo “ver” de fato ressalta a importância do canal visual para o interlocutor. Paralelamente, a escolha do item lexical “você”, em oposição ao termo “eles” utilizado pela mãe, indica que esse fenômeno é comumente observado entre ouvintes também. Carolina tangencia a experiência visual, que considera central nessa narrativa (Clark e Mishler, 2001), avaliando de forma diferente da mãe a necessidade do recurso imagético, para todos e não só para surdos.

Acreditamos que ao identificar a avaliação da narrativa acessamos o significado social que um acontecimento tem para o narrador, interpretando o que significa essa experiência para a pessoa, atribuindo funções interacionais às narrativas. Os interlocutores também podem reformular o ponto da estória através de comentários, sendo conarradores (Norrick, 2000), como foi feito acima através de perguntas e comentários. Desse modo, o narrador pode enxergar o acontecimento a partir da perspectiva de seu interlocutor, ressignificando assim sua experiência individual.

Penso que precisamos questionar se a necessidade da presença da imagem é de fato maior para o interlocutor surdo ou se o que ocorre comumente é uma compreensão limitada do surdo devido a uma proficiência linguística insuficiente em Libras dos interlocutores ouvintes. A proficiência linguística insuficiente poderia estar relacionada ao conhecimento de um léxico específico para tratar de determinados assuntos acadêmicos, ou poderia ser até mesmo em relação a

dificuldades com o uso do espaço de sinalização e dos classificadores, aspectos linguísticos específicos das línguas de modalidade espaço-visual, no momento de apresentar conteúdos complexos através dessa língua.

No próximo trecho fica evidente a compreensão do conteúdo por Danilo, visto que ele procura transmitir o conhecimento para o irmão, em casa.

**(j) “aí ele chegou assi::m contou pro gabriel que tinha vi::sto”**

103.	Glória	hh aí ele chegou assi::m contou pro gabriel que tinha vi::sto que as menina--
104.		pra ter cuida::do tem que usar cami[si::nha
105.	Carolina	[*sim* humhum
106.	Fabiana	[*sim*
107.	Glória	que ele já sab <sub>ia</sub> mais o gabriel sab <sub>ia</sub> mas ele entã::o fica-- mui--
108.		fez uns desenho lá:::
109.	Carolina	pra mostrar?
110.	Glória	pra: mostra::r como é que fi:ca
111.	Carolina	a marlene não consegue um livrinho pra ele não?
112.	Glória	não sei
113.	Carolina	podia ver com e::[la ver se ela não consegue um
114.	Glória	[olha ó fo- foi uma maravilha eu pedi pra ela explicar ela--
115.	Carolina	humhum
116.	Glória	ele “*espantado*” ficou meio assim né? porque a gente sempre fala::ndo como é
117.		que é: como é que f-- *sim* né?
118.	Carolina	humhum ↑não e a marlene explicando é difer[e:nte
119.	Glória	[explica bem. mas ↑muito bo::m

Essa parte da narrativa evidencia a necessidade de Danilo conversar com pessoas mais fluentes em Libras para que haja compreensão plena dos conteúdos, ao menos em alguns temas. É possível notar os múltiplos efeitos da conversa com a pedagoga surda na compreensão de Danilo.

Um dos efeitos é a demonstração de que só nesta interação houve de fato compreensão real do conteúdo, o que se evidencia pela expressão facial de espanto produzida pelo rapaz “ele \*espantado\* ficou meio assim né?” (1.116). Além de caracterizar a compreensão do conteúdo conversado, Danilo ainda é apresentado como capaz de transmitir o conteúdo ao irmão ouvinte “contou pro gabriel que tinha vi::sto... pra ter cuida::do tem que usar cami[si::nha” (1.103, 104). Evidencia-se a construção de um Danilo capaz de aprender e interagir, voltando a focalizar suas habilidades. Desaparecem do discurso as dificuldades comunicativas dele, que passa a ser edificado como alguém que demonstra compreensão do conteúdo abordado na interação.

A mãe narra, inicialmente, uma explicação que se dá verbalmente, mesmo que em um momento posterior o recurso imagético tenha sido usado “fez uns desenho lá:::” (1.108). É interessante refletir sobre esse aspecto. Se Danilo já havia

entendido e se “o gabriel sabia” (l.107), não haveria necessidade de desenhar, até porque a explicação oral já havia sido dada. Isso pode estar indicando um reconhecimento do papel da linguagem imagética também para a compreensão do ouvinte. O narrador pode estar enxergando o acontecimento a partir da perspectiva de seu interlocutor, tendo ressignificado sua experiência (Norrick, 2000).

A mediadora faz uma pergunta sim x não “a marlene não consegue um livrinho pra ele não?” (l.111) que encaminha uma sugestão. Desse modo, Carolina procura fazer uma orientação, mas ela é interrompida pela mãe que busca avaliar a situação narrada.

Carolina	podia ver com e::[la ver se ela não consegue um
Glória	[olha ó fo- foi uma maravilha eu pedi pra ela explicar ela--
Carolina	humhum

O 3º ponto dessa narrativa parece ter a função interacional de reforçar a construção identitária de uma mãe agente “foi uma maravilha eu pedi pra ela explicar” (l.114), que avalia como positiva a própria atitude de pedir ajuda. Carolina concorda com Glória “humhum”, demonstrando alinhamento e desse modo avaliando positivamente sua atitude.

Vemos, também, o reconhecimento mútuo da eficácia do encontro entre Marlene e Danilo para sua compreensão. A mediadora afirma que a explicação da profissional difere da de outros interlocutores “↑não e a marlene explicando é difere:nte” (l.118), (co)avaliando a situação narrada, procurando reformular o ponto da narrativa. Com essa comparação “é difere:nte” ela tangencia seu ponto relacionado a importância da fluência da Libras do interlocutor, para a compreensão do surdo.

Se alinhando à mediadora, Glória concorda que a profissional surda “explica bem. mas ↑muito bo::m” (l.119). Isso indica que pode ter havido um processo de negociação e construção de significados novos ao longo desse encontro do grupo, ao longo da coconstrução dessa narrativa (Norrick, 2000; Garcez, 2001). Entendemos, então, que há produtividade interacional na interação do grupo, ao identificarmos nesse momento uma coconstrução de ressignificações em relação a compreensão das vivências de Glória e em relação ao papel da comunicação verbal junto a surdos.

Nessa parte final da narrativa, a mãe também volta a o enquadre de construção identitária para o filho. Isso se dá porque ela destaca as habilidades do

filho em apresentar a informação para o irmão.

Glória	hh aí ele chegou assi::m contou pro gabriel que tinha vi::sto que as menina--
	pra ter cuida::do tem que usar cami[si::nha
	fez uns desenho lá::
	pra: mostra::r como é que fi:ca

Danilo contou para o irmão o que havia visto na interação com a Marlene, alertou o irmão para que tivesse cuidado, fez desenhos e mostrou ao irmão como ficaria o aspecto do pênis com a doença sexualmente transmissível. Todas essas ações atribuídas ao adolescente surdo pela mãe evidenciam suas habilidades interacionais e sua compreensão do assunto.

### 7.3.5.3 Carolina: refletindo sobre a comunicação familiar com Danilo

A seguir, a mediadora procura reenquadrar as dificuldades de comunicação de Glória com Danilo, retirando o foco das dificuldades do rapaz e abordando a questão da proficiência em Libras dos interlocutores. A ideia é que essa mãe se questione sobre sua proficiência comunicativa em Língua de Sinais. A busca é por uma reflexão da mãe em relação à sua possibilidade de conversar assuntos mais complexos com o filho, já que, anteriormente, houve o reconhecimento da relevância do encontro de seu filho com uma falante nativa dessa língua. O excerto se torna muito relevante para a análise, pois apresenta uma ruptura de posicionamento em relação às possibilidades comunicativas entre mãe e filho.

#### (k) Conscientização - “porque eu não se:[i ta::nta li::bras”

120.	Carolina	porque você consegue conversar assim esses assuntos mais difíceis com ele <u>em</u>
121.		<u>Libras?</u>
122.	Glória	(2) <u>muito não</u> ↓ porque eu não se:[i ta::nta li::bras
123.	Carolina	[*sim <u>então</u> *pois é
124.	Glória	num num tenho um domí::nio de coisa. mas a a:: as professoras de::le que ele
125.		segunda e quarta-- aliás terça e qui::nta tem reforço
126.	Carolina	humhum
127.	Glória	e elas sempre fala s-- passa li::vro pra e::les
128.	Carolina	humhum
129.	Glória	pros maio::res
130.	Carolina	humhum
131.	Glória	passa passa ví:deo
132.	Carolina	é::: [aqui também tem um vídeo
133.	Glória	quer [dizer ela sempre expli:::ca... sabe? é ↑muito bo::m

A pergunta sim x não delimita a temática de interesse da mediadora, restringindo as possibilidades de resposta “porque você consegue conversar assim

esses assuntos mais difíceis com ele em Libras?” (l.120, 121). Vemos que, pela primeira vez no encontro do grupo essa mãe fala explicitamente sobre alguma dificuldade de comunicação decorrente de sua proficiência limitada na Libras “(2) muito não↓ porque eu não se:[i ta::nta li::bras” “num num tenho um domí::nio de coisa” (l.122, 124). A mediadora, se alinha com a mãe, e indica que ela esperava por essa resposta “pois é” (L123).

Se retomarmos o início da interação no grupo, veremos que não havia sinais de consciência sobre a dificuldade de comunicação com Danilo. No excerto **(c)** a mediadora estabelece um enquadre no qual procura negociar o tópico, buscando abordar a comunicação. Ela questiona se há dificuldades de comunicação com Danilo em algum momento. Durante aquele enquadre, a mãe realiza um processo de construção identitária e não evidencia questionamento sobre sua proficiência comunicativa em Língua de Sinais. Glória não demonstrava estar consciente de dificuldades decorrentes de seu domínio básico da Libras, nem das dificuldades com a língua oral de Danilo (l.24), negando a existência de bloqueios comunicativos ou mal entendidos na interação com ele.

Retomando também o excerto **(d)**, no qual a mediadora utiliza como estratégia para refletir sobre a comunicação a comparação entre a comunicação de Glória com Danilo e seu outro filho, vemos que a mãe afirma que a qualidade da interação é a mesma com ambos (l.29), já que os mesmos assuntos são abordados com seus dois filhos, seja o surdo ou o ouvinte (l.31).

No princípio da análise, Glória não demonstra se questionar sobre a profundidade da troca comunicativa com Danilo, focalizando naquele momento o próprio empenho em informar ambos os filhos, sem problematizar a compreensão do filho surdo sobre os temas. Entendo que a conarração das vivências no grupo possibilitou um processo de conscientização e geração de reflexão que culminou com a afirmação da mãe de que sua proficiência em Libras é insuficiente (l.122, 124).

Podemos considerar que a interação nesse encontro entre profissional e familiar foi produtivo. Através da escuta e da emergência das narrativas foi possível construir novas leituras do cuidado ainda necessário para Danilo e Glória. Foi possível desestabilizar certezas da mãe sobre a qualidade de sua comunicação em Libras com seu filho. Esse deslocamento pode gerar futuramente novas demandas de cuidado sentidas por Glória para seu filho, ou novas necessidades de

saúde ou educação. Ainda, esse deslocamento pode fazer emergir relações de maior responsabilidade e autonomia dessa mãe.

Em resposta ao questionamento da mediadora, Glória constrói uma narrativa genérica mínima que demonstra o importante papel orientador que outras pessoas mais fluentes em Libras exercem na vida de Danilo “mas a a:: as professoras de::le... elas sempre fala... passa li::vro pra e::les... quer [dizer ela sempre expli::ca... sabe? é ↑ muito bo::m” (l.124-133). A narrativa genérica é marcada pelo uso do advérbio “sempre” e pela ancoragem de tempo marcada pela apresentação dos dias da semana do reforço escolar (l.125). A mediadora apenas fornece sinais de atenção (l.126, 128, 130), favorecendo a ampliação da história.

A avaliação explícita da narrativa “é ↑ muito bo::m” (l.133) indica que a mãe está satisfeita em relação ao reforço, por outro lado, não indica incômodo nenhum em relação à dificuldade que ela tem em se comunicar em Libras com Danilo. Se retomarmos o excerto **(e)**, poderemos observar que Glória evidencia comprometimento, agência e consciência sobre seu papel de mãe no desenvolvimento de seu filho, afirmando que não se pode esperar que instituições o eduquem (l.40, 41). Nesse momento, porém, essa mãe caracteriza certa aceitação em relação ao bloqueio comunicativo com seu filho surdo. Desse modo, ela demonstra estar conformada com a possibilidade de comunicação na escola e não evidencia incômodo com a necessidade de delegar esse papel orientador para as instituições que o filho frequenta, seja a escolar ou a de saúde.

No próximo excerto, a mediadora procura valorizar a agência da mãe e sua consciência sobre a importância da orientação do filho sobre o tema sexualidade. Além disso, Carolina também valoriza o encontro entre Marlene e Danilo, evidenciando a importância do contato surdo-surdo e da interação plena em sinais.

### **(l) Valorização da agência e da conscientização**

134.	Carolina	a questão é justamente é orientar <u>antes</u> de acontecer né?
135.	Glória	é
136.	Carolina	muitas pessoas só:: acabam falando depois que já aconteceu né é bom você tá
137.		querendo:: que ele veja lo::go
138.	Glória	[que ele veja isso porque sempre um coleguinha
139.		ensina ( ) né? “vamo ali é muito bom”
	[...]	
140.	Carolina	é isso aí. mas ↑que bom que ele conversou com a marlene. porque ele não tem
141.		mais contato [com a marlene né é não tem mais conta::to com ela
142.	Glória	[isso [é a mar-- a marlene até
143.		falou assim “ele vai ficar com vergonha” aí eu falei “não fica não porque eu
144.		sempre converso com ele” ela mostrou pronto quando ele viu *espantado*...
145.		[os desenhos aquelas coisa horri[veis... como fica aí ficou meio... [*impactado*

146.	Carolina	[*sim*	[*sim*	[ficou meio
147.		assustado né?		
148.	Glória	*sim* ficou assusta::do. mas foi <u>ótimo</u> aproveitei a marlene que ela tava		
149.		conversando no corredor e sem... paciente		
150.	Carolina	ótimo		
151.	Glória	foi ótimo		

A mediadora faz uma pergunta retórica (l.134), que inicia uma avaliação positiva sobre a consciência da mãe sobre a importância da orientação do filho sobre o tema sexualidade “é bom você tá querendo:: que ele veja lo[:go” (l.137).

Carolina valoriza a agência de Glória em solicitar ajuda da pedagoga surda “é isso aí. mas ↑que bom que ele conversou com a marlene” (l.140) e (co)avalia, através de uma comparação “porque ele não tem mais contato [com a marlene né” (l.140-141), comemorando o encontro surdo-surdo entre Marlene e Danilo, evidenciando a importância da interação plena em sinais.

Glória retoma novamente seu empenho em conversar sempre com seu filho “eu sempre converso com ele” (l.143, 144), justificando assim a familiaridade dele com o tema. Além disso, mais uma vez essa mãe destaca sua agência em solicitar ajuda da profissional “aproveitei a marlene que ela tava conversando no corredor e sem... paciente” (l.148, 149), novamente qualificando de forma positiva sua atitude “ótimo” (l.150), de forma explícita. Carolina faz uma repetição variante (Norrick, 2000), avaliando positivamente a atitude da mãe.

Depois, poderemos notar que a mediadora focaliza a comunicação de Glória com Danilo, buscando gerar mais reflexão sobre esse tema.

### (m) “aí ele me pergunta”

152.	Carolina	e::: você entendeu ela falando [pra ele?		
153.	Glória		[entendi	
154.	Carolina	a língua de sinais [que ela usou?		
155.	Glória		[entendi	
156.	Carolina	entendeu?		
157.	Glória	foi. legal		
158.	Carolina	é bom porque qualquer coisa se ele tiver uma pergunta [depo:::is né?		
159.	Glória		[é:: aí ele me pergunta	

A mediadora marca, através de uma pergunta sim x não (l.152), uma informação relevante (Clark e Mishler, 2001), direcionando a discussão para a comunicação. Após, faz duas perguntas de confirmação, para se certificar se a mãe teve compreensão da Libras utilizada (l.154, 156), com uma (co)avaliação, ela enfatiza a importância da orientação dada em casa, criando um senso de corresponsabilidade (l.158) entre profissionais e família, indicando produtividade

interacional (Fabrício, 2011). Glória afirma compreender a Libras utilizada por Marlene (l.153, 155) e, inicialmente, demonstra não ter problemas em continuar a orientação do filho em casa “é:: aí ele me pergunta” (l.159), mostrando responsabilização e disponibilidade para essa demanda do papel de mãe.

Posteriormente, porém, vemos que a mãe novamente transfere a responsabilidade de orientação do filho para a profissional.

**(n) planejar um pedido de ajuda “depois ↑pergunta a marlene”**

160.	Glória	ou depois ↑pergunta a marlene por que ela sabe sempre quando ele pergunta
161.		tem uma pergunta ela ↑sempre dá a resposta sempre tá ajudando
162.	Carolina	é a marlene também lida assim com essas coisas muito na-- de [uma forma
163.		muito natural então eu acho que ele não ia ficar com vergonha [mesmo
[...]		
164.	Glória	ela explicou que ele teria que: que ia começar com uma coçeira
165.	Carolina	humhum
166.	Glória	pra ele:: falar com a mamã::e que tem que procurar logo o mé::dico.
[...]		
167.	Glória	aí ela explicou “pode ser com pira::nha”, às vezes até a própria
168.		namorada começ-- às vezes não é nem porque pegou de outro parce::iro né?

Glória levanta a possibilidade de o filho pedir ajuda à Marlene caso tenha dúvidas (l.160). Por um lado, esse alinhamento de vínculo com a equipe novamente evidencia a confiança no serviço, que “↑sempre dá a resposta sempre tá ajudando” (l.161). Por outro lado, pode estar revelando certa desresponsabilização do seu papel orientador de mãe, ou até mesmo alguma descrença em relação à sua capacidade de comunicação eficaz com seu filho.

A mediadora, já com outro alinhamento, (co)avalia a narrativa, dizendo que a pedagoga surda “lida... de uma forma muito natural” (l.162-163) com a sexualidade. Desse modo, Carolina oferece uma avaliação alternativa para a ausência de vergonha do rapaz “então eu acho que ele não ia ficar com vergonha [mesmo” (l.163), que a mãe havia atribuído às suas conversas com o filho em (l).

É interessante notar como a mãe mostra compreensão do diálogo ocorrido em Libras entre Marlene e Diogo (l.164-168), retomando parte da conversa entre ambos. Glória retoma também a parte do diálogo em que a profissional a teria citado, ressaltando seu papel de mãe em levar o filho ao médico (l.166). Seu discurso ainda destaca o reconhecimento de certa independência do filho, no que diz respeito a sua responsabilidade de analisar seus sintomas e se reportar à mãe, mais uma vez ressaltando as habilidades do rapaz “pra ele:: falar” (l.166).

A seguir, analisamos um momento bastante interessante dessa interação, no qual Glória admite ter dificuldades de compreensão plena da Libras, precisando

recorrer ao português para explicar o assunto ao filho. Um questionamento da mediadora novamente enfoca a reflexão da mãe sobre a comunicação com seu filho.

**(o) “bom o que ↑eu entendi em português em português o que eu entendi ↑em Libras”**

169.	Glória	“a::: tá:: tem que mostrar o piru?” ((fala relatada de Danilo))
170.		eu falei “↑tem... pro médico vê::: ... vai arregassa:::r [pra ver como é que tá vai
171.		arregassar”
172.	Carolina	[*sim*
[...]		
173.	Glória	“como é que vai ser?” falei “vai a-- abrir as a pe:::rna a perninha” se for mocinha
174.		né? e:::u expliquei
175.	Carolina	*sim*
[...]		
176.	Carolina	mas aí você explicou isso em-- em que? em Libras? ou em português?
177.	Glória	bom o que ↑eu entendi em português em português o que eu entendi ↑em Libras

A presença dos verbos de dizer no passado (falei, expliquei) e a presença do diálogo construído compõe essa narrativa mínima (1.170, 173, 174) que vem ressaltar a participação orientadora Glória na conversa com Danilo. Glória parece se esforçar em corroborar sua construção identitária de mãe comprometida com o desenvolvimento do filho, mantendo a orientação iniciada pela profissional.

O questionamento da mediadora tangencia, mais uma vez, a proficiência em Libras da mãe (1.176). Sua resposta (1.177) reflete clareza em relação ao processo comunicativo entre ela e o filho, visto que apresenta a comunicação bimodal presente na interação. Além disso, a dificuldade de compreensão de Libras é aqui novamente explicitada, o que reforça a interpretação de que um processo de conscientização ocorreu ao longo do encontro no grupo.

A análise evidencia que o grupo se pautou, basicamente, na construção de narrativas das mães e na busca da mediadora por entendimentos e reflexões. Vemos que as mães trouxeram experiências vivenciadas junto aos filhos, através das narrativas, para discussão no grupo. Conhecimentos e memórias, de experiências novas e antigas dos familiares, foram compartilhados para construir identidades ou ilustrar orientações da mediadora, se alinhando a ela. As participantes discutiram suas vivências e conflitos, bem como aspectos da interação cotidiana entre família ouvinte e criança surda, como o planejamento junto à criança e o aprendizado da Libras pelos familiares.

Consideramos que alcançamos nossos objetivos de coconstruir, a partir de narrativas, experiências vivenciadas entre os responsáveis e seus filhos, no

cotidiano da família, que se tornaram relevantes na fala-em-interação. Os familiares tematizaram vivências sobre a rotina envolvida na terapia, sobre a escola e sobre a interação com uma profissional surda, se manifestando no grupo com narrativas cocontruídas sobre o cotidiano de cuidado de uma criança surda.

O grupo alcançou seu objetivo de construir entendimentos acerca da surdez e da comunicação familiar entre familiares e surdos. Reflexividade, entendimentos e empoderamento foram atingidos, por meio de orientações e da mediação da profissional e das participações de outras mães do grupo, pois as mães demonstram conscientização sobre necessidades dos filhos e dificuldades com a Libras, evidenciando mudanças de atitude. Assim, acreditamos que as mães puderam se fortalecer como participantes ativas no desenvolvimento linguístico e discursivo das crianças, pois transformaram entendimentos, revisitaram projetos e construíram coerência ao longo da participação no grupo focal.

A forma como procurei promover envolvimento e agência dos familiares no processo de desenvolvimento das crianças surdas foi, principalmente, pela coconstrução das narrativas das mães e através de intervenções como narrativas genéricas que ilustraram minhas orientações, assim como utilizando perguntas para gerar reflexão. Na próxima seção, discutimos mais profundamente as práticas por mim utilizadas, bem como os objetivos interacionais identificados para tais práticas, interpretando os efeitos dessas intervenções.